



Lino de Albergaria

O Lago do Silêncio

Ilustrações: Filipe Rocha

eg
eligis

A turma de dona Dolores gosta demais de passeios. Ela e seu Gumercindo, o motorista, também. Por isso, a diretora aceitou o convite que chegou meio misteriosamente à escola: um hotel-fazenda oferecia hospedagem grátis para todo o grupo conhecer o Lago do Silêncio!

Desconfiados, porém muito curiosos, os personagens embarcam em uma história bem-humorada e misteriosa, na qual Lino de Albergaria mistura imaginação e realidade, criando um cenário perfeito para ser desvendado pela animada turma e por todos os seus leitores.

Acervo do autor/
Arquivo da editora



Lino de Albergaria nasceu em Belo Horizonte, em 1950. Formado em Letras e Comunicação, com mestrado em Editoração, já publicou mais de oitenta livros, a grande maioria deles voltada para crianças e adolescentes. Alguns exemplos são: *De Paris, com amor* (que recebeu o selo Altamente Recomendável da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil – FNLIJ), *Bem-vindos à Casa da Neblina*, *Chá das cinco*, *Lia e o sétimo ano* e *Miguel e o sexto ano*.

ISBN: 978-65-85004-00-8



9 786585 004008



Lino de Albergaria

O Lago do Silêncio

Ilustrações: Filipe Rocha

1ª edição
São Paulo, 2022

eg
eligis

Direção executiva	Flávia Bravin
Direção de negócio	Volnei Korzenieski
Gestão editorial	Alice Ribeiro Silvestre
Gestão de planejamento	Eduardo Kruehl Rodrigues
Gestão de projeto editorial	Heloisa Pimentel
Coordenação de produção	Debora Guterman
Edição	Tatiana Vieira Allegro
Planejamento e controle de produção	Vilma Rossi, Camila Cunha, Adriana Souza e Isabela Salustriano
Revisão	Marina Saraiva e Tulio Kawata
Arte	Claudio Faustino (ger.), Erika Tiemi Yamauchi (coord.) e Elen Coppini Camioto (edição de arte)
Projeto gráfico	Homem e Melo & Troia Design
Diagramação	Noctua Art
Iconografia	Roberto Silva (ger.), Evelyn Torrecilla (pesquisa iconográfica) e Emerson de Lima (tratamento de imagens)
Direitos autorais	Fernanda Carvalho (coord.), Emília Yamada, Erika Ramires e Carolyne Ribeiro
Pré-impressão	Alessandro de Oliveira Queiroz, Pamela Pardini Nicastro, Debora Fernandes, Fernanda de Oliveira e Valmir da Silva Santos

Elaboração de paratextos e material de apoio ao professor

Lenice Bueno

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Albergaria, Lino de, 1950-
O lago do silêncio / Lino de Albergaria ; ilustrações de
Filipe Rocha. - 1. ed. - São Paulo : Eligis, 2022.

ISBN 978-65-85004-00-8

1. Literatura infantojuvenil I. Título II. Rocha, Filipe

22-4200

CDD 028.5

Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Código da obra CL: 720965 (AL) / 720966 (AL digital) / 720966 (PR digital)

CAE: 811825 (AL) / 811829 (AL digital) / 811830 (PR digital)

2022

1ª edição

1ª impressão

Impressão e acabamento:

Enviamos nossos melhores esforços para localizar e indicar adequadamente os créditos dos textos e imagens presentes nesta obra. Colocamo-nos à disposição para avaliação de eventuais irregularidades ou omissões de créditos e consequente correção nas próximas edições. As imagens e os textos constantes nesta obra que, eventualmente, reproduzam algum tipo de material de publicidade ou propaganda, ou a ele façam alusão, são aplicados para fins didáticos e não representam recomendação ou incentivo ao consumo.

eg

Todos os direitos reservados à Eligis Tecnologia e Inovação Ltda.
Rua Catequese, 227 – Conjuntos 21, 23, 24, 61, 62, 63 e 64 – Butantã
CEP 05.502-020 – São Paulo – SP

Sumário

- 4 Lista de personagens
- 5 O Lago do Silêncio
- 69 Canções citadas
- 71 A aventura não terminou...

Lista de personagens

Dolores Del Mar (dona Dolores) – diretora da escola
Gumercindo – motorista do ônibus escolar
Charles – aluno
Carlos Bruno (Cacau) – aluno
Gisele (Gigi) – aluna e irmã de Zara
Nina Diane (Nini) – aluna
Zara (Zazá) – aluna e irmã de Gisele
Paulo Sérgio (Pimba) – aluno e irmão gêmeo de Úrsula
Úrsula – aluna e irmã gêmea de Paulo Sérgio
Jaíder Ulisses (Jadico) – aluno e irmão de Lucas Lauro
Lucas Lauro – aluno e irmão de Jaíder Ulisses
Sônia Regina (Naná) – aluna
Íris – aluna
Eustáquio (Taquinho) – aluno
Nicolau (Niquinho) – aluno
Juan José Ramón – funcionário do hotel
Mara Fraga Braga – proprietária do hotel, esposa de Mauro
Mauro Fraga Braga – proprietário do hotel, marido de Mara
Héctor Néstor – filho de Juan José Ramón
Cármem Dolores – filha de Juan José Ramón
Dorita – mula
Calangos
Pássaros do sonho
Corvo
Rendeiras/Pastorinhas
Príncipes Lagartos



Dona Dolores ocupou a espreguiçadeira que antes puxara para fora do caramanchão. Queria tomar um pouco de sol e também precisava descansar. Estava bastante sonolenta. Os meninos, ao contrário, pareciam agitados, tão agitados quanto seu Gumercindo. No amplo gramado à beira da água, jogavam queimada com muito entusiasmo. Como eram treze crianças, o motorista completava uma das equipes. Sete contra sete. Usavam uma bola amarela que lembrava o Sol.

O Sol verdadeiro, firme no céu, incomodou a diretora, que pôs seus óculos escuros, mudando toda a paisagem para uma cor de guaraná. Até o lago azul foi se amarronzando. As costas de Dolores Del Mar escorregaram um pouco na cadeira de lona. Acomodou a nuca, encarando as nuvens, que se assemelhavam a elefantes, girafas e até a um macaquinho espevitado. A diretora sorriu. Quando é que um macaquinho de verdade tinha aparecido em sua vida? Certamente em alguma das excursões que vinha fazendo com aquela turma, em busca da natureza, sempre com gosto de aventura e muitas novidades.

A turma gostava demais daqueles passeios. Dona Dolores e o motorista também. Por isso ela aceitou o convite que chegara meio misteriosamente à escola. Um hotel-fazenda oferecia hospedagem grátis para todo o grupo. O folheto tinha ficado um bom tempo em sua bolsa.

*Venham conhecer o Lago do Silêncio!
Uma experiência única, que será
lembrada para sempre.
Vocês são nossos convidados. Estamos
aguardando todos no próximo carnaval.
Venham passar um feriado diferente!*

*Os proprietários.
Mara e Mauro Fraga Braga*

A diretora consultou a turma, mesmo em dúvida sobre a origem do convite, mas era uma gentileza tão grande, e o lugar tinha um nome tão sugestivo...

– Como eles sabem de nós? – Charles perguntou no dia em que ela anunciou aos alunos a possibilidade de mais uma viagem.

Alguns colegas do menino buscaram uma explicação, lembrando-se das experiências que tinham vivido em outros lugares. Acreditavam numa comunicação do casal desconhecido com os donos dos locais por onde a turma já havia passado.

– Devem ser amigos da dona Veva, da Casa da Neblina – cogitou Carlos Bruno, o Cacau.

– Ou, então, ouviram algum comentário do Seu João, da Serra das Lianas, sobre nossas excursões – disse Gisele, a Gigi.

– Tenho certeza de que não foi meu avô Coriolano quem andou falando sobre a gente lá na Ilha do Tempo Perdido – falou Nina Diane, a Nini.

– Nossas excursões estão ficando famosas. Será que alguém nos viu no Jardim das Margaridas? – comentou Zara, a Zazá, irmã da Gigi, cheia de convicção.

– Pois isso está me cheirando mal – objetou Paulo Sérgio, o Pimba.

– É mesmo! – concordou sua irmã gêmea, Úrsula. – Eles sabem quem nós somos, mas não sabemos nada deles.

– E daí? A gente vai lá e confere tudo! – opinou Jáider Ulisses, o Jadico.
– Claro! Lá nós vamos conhecer esse casal Fraga Braga! – animou-se Lucas Lauro, o irmão de Jáider Ulisses.

– O que será que eles querem com a gente? – Sônia Regina, a Naná, reacendeu a desconfiança.

– E por que a gente não vai precisar pagar? – intrigou-se Íris, a aluna sonâmbula.

– Pois essa é a grande vantagem, gente! É um brinde, um presente, vamos aproveitar! – Eustáquio, o Taquinho, transbordava de entusiasmo.

– Vai ser um carnaval diferente, como estão prometendo – já aderiu Nicolau, o Niquinho.

Depois de ouvir as treze opiniões, abrangendo a turma inteira, dona Dolores, vencida pela curiosidade, decidiu:

– Se todos estiverem de acordo, então nós vamos! Levante a mão quem quer ir.

Logo sete mãos se ergueram. Aos poucos, os que hesitavam foram aderindo: Gigi, Cacau, Pimba, Úrsula, Naná e Íris.

Enquanto se lembrava desse momento, Dolores procurava identificar a forma que ia tomando a nuvem recém-chegada. Um jacarezinho? Uma lagartixa bem desenvolvida?

Ela não percebia que era observada bem de perto por um calango, a poucos centímetros de seus pés.



Seu Gumercindo, que adorava seu velho mapa rodoviário, estranhou muito o aplicativo de GPS que Nina Diane havia instalado em seu celular. Não estava acostumado com essas novas tecnologias. Depois de umas duas ou três confusões causadas pela falta de hábito com o aplicativo e que provocaram um desvio de alguns quilômetros, chegaram a um cruzamento. Gumercindo foi o único a perceber a inscrição numa placa pintada à mão, com uma letra bastante discreta:



Por pouco não se perdeu novamente. Dona Dolores tinha distribuído colares havaianos para todos. Gumercindo usava ainda um chapéu de cangaceiro, que esquentava sua cabeça, mas que ele não tirou nem um instante. Lucas Lauro tinha perguntado ao irmão o nome daquele cangaceiro famoso, marido da Maria Bonita, mas Jadico não lembrava. Por isso ninguém chamou Gumercindo de Lampião.

No caminho cantaram velhas músicas de carnaval, geralmente puxadas pelo motorista.

“Ó abre alas
Que eu quero passar
Ó abre alas
Que eu quero passar
Eu sou da lira,
Não posso negar
Eu sou da lira,
Não posso negar

Ó abre alas
Que eu quero passar
Ó abre alas
Que eu quero passar
Rosa de Ouro
É que vai ganhar
Rosa de Ouro
É que vai ganhar.”¹

O ônibus escolar entrou por um jardim de rosas amarelas, um canteiro atrás do outro, um de cada lado da estradinha calçada com pequenos seixos acinzentados. Ao fim do jardim, a entrada era marcada por duas grandes pedras praticamente iguais. Sobre cada pedra os recém-chegados pensaram ver as estátuas de dois calangos em uma dimensão um tanto ampliada. Ao encontro deles vinha uma charrete puxada por uma mula com chapelão de palha e colar de flores plásticas da mesma cor que o colar de dona Dolores. Gumercindo e o charreteiro pararam bem na frente um do outro. Por trás da mula logo surgiu uma figura esquisita, provocando gritos assustados de Úrsula e Zazá.

– Maldição das trevas – murmurou Pimba.

Era alguém vestido como um palhaço macabro, todo de preto e vermelho, com uma pintura assustadora no rosto, o vermelho borrado em torno da boca no mesmo tom do sangue. Fez uma reverência exagerada, assim que a porta do ônibus foi aberta por um Gumercindo ainda hesitante, e cumprimentou o grupo, com um sotaque carregado:

– Bem-vindos ao Lago do Silêncio!

Três passageiros foram convidados para seguir na charrete. Taquinho e Niquinho logo se ofereceram. Dona Dolores decidiu que deveria ir junto, pois estava estranhando o funcionário do hotel e sua fantasia.

O homem esperou que todos subissem no veículo, depois que a mula e Dolores se olharam, talvez um pouco surpresas pela coincidência do adeço. Assim que os convidados se acomodaram, a mula de chapéu de palha zurrou, e o palhaço gritou para o pessoal do ônibus:

– Sigam-me a mim!

Ao ouvirem a frase pouco habitual, os dois meninos deram uma olhada para a diretora, que sacudiu a cabeça em silêncio.

O ônibus seguiu a charrete, enquanto dois calangos enormes abandonavam suas posições nas pedras quase gêmeas.



No ônibus, Cacau, Pimba, Úrsula e Zazá comentavam, agitados, a aparência assustadora do palhaço.

– Parece sangue escorrendo daquela boca – notou Úrsula.

– E que jeito de falar! – acrescentou Cacau.

– Com certeza é um gringo – disse Zazá.

Gigi, ouvindo a conversa, tentava se lembrar de alguém que tinham conhecido que também falava de um jeito muito estranho, só não conseguia lembrar quem. Provavelmente era mulher. Teria sido quando estiveram no Jardim das Margaridas?

– É sotaque espanhol – esclareceu Íris.

– Como é que você sabe? – Cacau perguntou.

– Ela tem razão – falou Charles, que nunca tinha ido à Espanha nem a nenhum de nossos países vizinhos, mas, como a colega, prestava atenção nos sotaques estrangeiros de filmes e séries.

Do lado de Nini, Naná se encantava com as rosas amarelas ao longo do caminho. Jadico e Lucas Lauro se arrependiam de ter ficado no ônibus. Taquinho e Niquinho tinham sido mais espertos e estavam curtindo a charrete no lugar dos dois irmãos. Gigi, distraidamente olhando as flores em seus canteiros bem cuidados, ainda cantarolava o pedaço da música que falava da Rosa de Ouro.

Na charrete, Dolores desistiu de entender a fala enrolada do cocheiro. Preferiu ficar quieta. Taquinho foi o primeiro a ver a casa, que mostrou para seu amigo. Niquinho soltou um assobio de admiração.

O lugar em que iam ficar lembrava um sonho que Nicolau tivera, possivelmente quando esteve na Ilha do Tempo Perdido para a festa de aniversário de Nini.

– Puxa, eles se basearam na casa de João e Maria. Só faltam os doces no telhado e nas paredes – a diretora comentou.

As pitangueiras em volta do chalé de madeira, mais parecendo uma cabana, em compensação, estavam carregadas de frutas. Em vez de uma cabana de balas e pirulitos, era uma casa de frutas vermelhas e alaranjadas.

“Serão mágicas?”, pensou Taquinho, fascinado com a cor e o tamanho das sedutoras pitangas.

“Essas frutas me parecem perigosas”, pensou Niquinho, decidido a nunca experimentar aquelas pitangas tão grandes.

Os dois garotos desceram primeiro porque o ônibus demorou para estacionar, mas logo a turma estava de novo junta, sozinha diante da casa. O palhaço tinha levado a charrete e a mula para outro local.

Então ouviram uma risada de mulher, bem alta e estridente. Mais alta que o barulho dos passos dela e do homem que a seguia. Era uma mulher grande e forte, acompanhada por um homem magrinho e mais baixo. Ela se vestia como uma fada com asas de borboleta, e ele, de cartola e terno verde, lembrava a figura de um grilo.

Íris se beliscou para ver se estava sonhando. Então se lembrou: era carnaval.

– Bem-vindos ao Lago do Silêncio, quá-quá-quá! – cumprimentou Mara Fraga Braga em seu traje de fada-borboleta, soltando mais uma gargalhada estrondosa.

– Bem-vindos ao Lago do Silêncio, qui-qui-qui! – cumprimentou em um tom bem mais baixo, seguido por uma risadinha aguda, Mauro Fraga Braga.

...

– São dois duendes – Zazá cochichou para a irmã.

– Deixa de ser boba, não existe duende desse tamanho – protestou Gigi.

Mas Úrsula, ao lado, quase concordou com a primeira das irmãs. O homenzinho verde e a mulherona cor-de-rosa eram muito esquisitos.

– A gente não sabia se vocês gostavam de carnaval – foi dizendo a proprietária. – Mas, se não gostarem, é só ir para a beira do lago. Será o silêncio absoluto – falou, pela primeira vez sem rir.

– Eu, hein! – Lucas Lauro comentou com Jadico.

Niquinho e Taquinho continuavam encarando o marido franzino da proprietária, que, percebendo a atenção dos garotos, piscou para eles um olho.

Os outros não se animavam a dizer coisa alguma. Estavam ainda absorvendo o impacto da nova situação.

A mulher, com gestos largos e desajeitados, foi chamando todos para dentro. Então perceberam que a cabana tão graciosa entre as pitanguei-

ras não passava de uma modesta varanda. O resto da casa não se via de fora. Mas lá dentro era enorme.

Passaram por um corredor que parecia não acabar. Nas paredes, quadros e mais quadros davam a impressão de reproduzir a mesma imagem: um pássaro azul. Observados mais de perto, no entanto, apresentavam ligeiras diferenças. Naná ficou por último, praticamente encantada por uma daquelas pinturas, que examinava, coçando a cabeça. Tinha uma sensação de que conhecia o modelo daquele quadro. Era uma lembrança vinda daqueles dias em que se hospedaram na Casa da Neblina.

Entraram num grande salão, com móveis de vime. Dessa vez, um por um, foram identificando a semelhança com o mobiliário de outro lugar onde tinham estado juntos, o Pio da Coruja, de Seu João Curututu, lá na Serra das Lianas. Mas as cadeiras e mesas desmanteladas davam lugar, ali, a um conjunto novinho em folha. Eles tinham a sensação de que o hotel estava sendo usado pela primeira vez.

– Mauro, amor, leve os meninos para seus quartos. Garotas, venham comigo – disse Mara, logo soltando outro sacudido “quá-quá-quá”, balançando o pescoço e o queixo.

Os rapazes fizeram uma fila atrás do homem-grilo; as meninas seguiram a fada-borboleta. Dolores e Gumerindo ficaram sozinhos no refeitório. Foi o motorista que tirou Naná de seu transe e fez a menina correr para se juntar às colegas.

– O pássaro dos sonhos! – ela comentou com a diretora, que examinava, intrigada, um relógio cuco na parede. Dolores tinha estado sozinha no Raríssimo Antiquário, e apenas naquele local poderia existir um objeto assim.



Havia quartos para todos. Pela primeira vez na história de suas excursões, cada um poderia dormir sozinho. O lado esquerdo foi destinado

aos meninos; o direito, às meninas. Os quartos do motorista e da diretora ficavam na extremidade de cada ala. Por dentro, eram todos iguais. Os mesmos armários de madeira, as luminárias rústicas.

As janelas das meninas davam para roseiras. As janelas dos meninos, para pitangueiras. Os dois tipos de planta se repetiam nas laterais da casa. Na parede em frente a cada cama, a pintura enorme de um lago. Nas cabeceiras, uma lâmpada com uma cúpula de lona estampada de lagartos.

Mas eles apenas deixaram suas mochilas e foram conhecer a grande atração do local. Seguindo uma trilha, chegariam ao lago. Seu Gumercindo lembrou-se de trazer a bola amarela. A turma pretendia jogar queimada. Antes de chegarem à trilha, passaram por uma quadra esportiva decorada com serpentina e máscaras.

– O carnaval é só por aqui – anunciou Mara, que os acompanhou até aquele ponto. – No final da trilha, o local é para quem quer mergulhar na natureza. Vocês vão entender o nome de nosso estabelecimento.

Foram, então, caminhando por um terreno que se elevava, respirando aquele ar puro, observando um ou outro passarinho no céu. Por último, vinham Íris e dona Dolores. Gumercindo, sempre com o chapéu de couro, estava na mesma fileira que Jadico e Lucas Lauro. Entre Nini e Gigi, Charles foi o primeiro a observar o tanto de calangos que havia por ali.

Ninguém reparou muito naqueles bichos, porque havia esquilos e borboletas, bem mais bonitos, aparecendo entre as árvores do caminho. Já estavam começando a ficar suados quando o lago apareceu no final da trilha. Era bem largo e realmente impressionava. Havia um caramanchão em uma margem, uma cabana em outra. No caramanchão, espreguiçadeiras de lona. Em volta da água, um gramado bem verde e recentemente aparado.

– Podia ter uns pedalinhos – Niquinho reclamou.

– Mas tem um bote em frente à cabana – notou Cacau.

– Vamos aproveitar essa grama e o terreno liso para jogar queimada! – Gumercindo já foi dividindo os times e misturando meninos e meninas.

Gigi teve de reprimir a curiosidade, o que a deixou atrasada para o começo da brincadeira.

– Vem logo – Zazá chamou a irmã. – O que é que você está olhando tanto?

– Tem gente na cabana. Olha a fumaça saindo pela chaminé.

Naná, que não tinha reparado, também se interessou pelo vapor azulado que tentava subir para o céu antes de se espalhar, mas seu Gumercendo avisou que o jogo ia começar.

Um calango parecia dormir sobre uma das espreguiçadeiras, mas tratou de escapular justo quando as mãos de dona Dolores puxaram a cadeira para fora do caramanchão. Ela não ia participar do jogo. Estava meio cansada da viagem. Era o momento certo para relaxar, quem sabe até tirar um bom cochilo.



Seu Gumercendo tinha improvisado as linhas do campo em que os times se dividiam amarrando em estacas, com o barbante que trouxera, pequenos galhos secos que Niquinho, Taquinho e Charles o ajudaram a encontrar. No final de cada campo, outras marcas delimitavam a área em que os participantes seriam “presos”, depois de “queimados”, isto é, atingidos pela bola lançada pelo atirador adversário.

Dirigindo-se especialmente aos irmãos Lucas Lauro e Jadico, o motorista disse que ninguém podia jogar a bola com a intenção de machucar os outros. Ele mesmo não iria se aproveitar de sua força de adulto. Preferiu dividir todos os irmãos, escalando cada um em uma equipe diferente. Assim, o time que batizou de Cangaceiros, no qual se incluiu, tinha também Lucas Lauro, Úrsula, Zazá, Niquinho, Nini e Íris. O outro time, que ele denominou Escoteiros, contava com Jadico, Pimba, Gigi, Taquinho, Charles, Naná e Cacau.

Cada um em seu campo, os grupos se abraçaram e cantaram seus gritos de guerra. Os Cangaceiros entoaram:

– “Olé, *muié* rendeira,
olé, *mulé* rendá,
Tu me ensina a *fazê* renda,
que eu te ensino a *namorá*”.²

Os Escoteiros replicaram:

– “Fala bum, ticabum,
Fala bum, ticabum,
Fala bum, ticauaca,
ticauaca, ticabum”.³

Gumercendo, enterrando seu chapéu de couro na cabeça, chamou ao centro do campo Nini e Charles para tirarem par ou ímpar. Charles ganhou, e seu time podia começar a partida. Ele mesmo deu o passe para Cacao, que tentou atingir Íris do outro lado, mas a menina segurou firme a bola e a jogou de volta, acertando a distraída Gigi, que teve de ir para a “prisão” atrás do campo rival.

Dolores, vendo os movimentos da bola amarela diante do céu azul, não percebeu o que causara a distração da aluna. Alguém tinha deixado a cabana e chegava silenciosamente por trás da espreguiçadeira. Era um garotinho com uma rosa amarela na mão, vestido de espantalho.

A diretora engoliu o grito de susto, mas conseguiu segurar a flor antes que caísse. O menino lhe dizia:

– Aceita minha rosa-de-ouro?

Ela entendeu que era simplesmente uma daquelas flores amarelas, cultivadas em grande quantidade pelo território do Lago do Silêncio.



– Héctor Néstor! – uma voz já conhecida gritava, com seu sotaque, de dentro da cabana.

– É meu pai! – explicou o pequeno espantalho, tratando de desaparecer rumo ao lugar de onde tinha vindo, sem que mais ninguém se desse conta, além de dona Dolores e do calango. Sobre o chão de terra escura, o lagarto cinzento era ainda menos visível às lentes dos óculos da diretora.

Gigi tinha se concentrado no jogo. Seu time havia conseguido que Zazá fosse queimada. Cada uma das irmãs estava confinada atrás das linhas que delimitavam as duas “prisões”.

Dolores então se sentiu queimada de um outro modo, por um olhar que, vindo do chão, batia diretamente em sua nuca. Teve de virar a cabeça e finalmente percebeu o calango. Um arrepio imediatamente percorreu sua espinha. O lagarto tentava comunicar alguma coisa.

Então ela olhou para a água, completamente imóvel, quase um espelho escuro refletindo dois sóis. Um sol era também imóvel, e o outro se movimentava para lá e para cá. Ela entendeu a força que subia do fundo do lago e sentiu vontade de avisar Gumerindo para não a desafiar. O homem e as crianças estavam perturbando com a correria e os gritos a atmosfera misteriosa da paisagem. Deveriam ir para outra parte.

Mas não conseguia dizer nada. Nem ouvir nada. De repente a bola perdeu velocidade e passou a se deslocar com imensa lentidão. Os gestos dos dois times foram se tornando mais lentos, criando aos poucos um balé mudo, dançado com movimentos quase imperceptíveis.

Dolores olhou na direção da cabana. A fumaça saía em ondas, como se quisesse produzir figuras. Ela viu o vapor se transformando em pássaros, viu árvores, viu um cuco, um macaquinho. Se olhasse para o chão, veria uma multidão de calangos de verdade chegando mais perto dela.

A bola se aproximava lentamente de Cacau, que abria os braços muito devagar para recebê-la, mas ela passou mais devagar ainda entre suas mãos, e ele não conseguiu retê-la. Ela quicou no chão e começou a subir com um pouco mais de impacto.

Os olhares de todos se concentravam na esfera amarela, mais fosca que o sol, que, como um cometa, se dirigia para onde se encontrava a diretora, que procurava se levantar da espreguiçadeira. A bola de borracha vinha para acertar seus óculos, e ela ergueu a mão diante do rosto. A mão que segurava a rosa.

Pelas lentes marrons, que tornavam toda a cena banhada em guaraná, viu que tinha levantado uma cintilante rosa dourada. A rosa repeliu a bola, que inverteu a direção e foi cair na quietude do lago, sem nenhum barulho. Mas a água se abriu para engoli-la.

Aos poucos, diversos zumbidos foram enchendo o ouvido da diretora. Reconheceu as vozes dos meninos decepcionados com o desa-

parecimento do brinquedo, a parte mais importante de seu jogo. Nem viu que a rosa tinha imediatamente murchado ao cair de sua mão.

Gumercindo queria mergulhar no lago, mas Nini pediu ao motorista que não fizesse isso, lembrando que ele não sabia nadar. Dolores recobrou a fala e mandou que abandonassem a bola e voltassem logo para o hotel.

Obedeceram um pouco aborrecidos, e, à medida que prosseguiram no caminho de volta, os calangos iam se afastando, numa debandada rápida, todos deslizando em direção ao Lago do Silêncio.



Apesar de anunciarem que só começariam a comemorar o carnaval no dia seguinte, Mara e o marido continuaram vestindo suas fantasias. Na varanda, aguardavam os hóspedes que retornavam ao hotel.

– Aposto que não é fantasia – Cacau cochichou para Pimba.

– Mas, se eles são assim mesmo, será que ela voa? – Pimba, aceitando a ideia a princípio, tinha outra dúvida.

– Avião é muito maior e voa – Úrsula se intrometeu na conversa, também falando baixo para que os donos do hotel não escutassem.

– Eu é que não queria ver isso – Zazá achou que estava sussurrando, mas foi ouvida por Lucas Lauro.

– Pois eu pagava para ver – disse o menino, rindo.

– Quem cochicha o rabo espicha – Mauro Fraga Braga olhou com cara de bravo para o grupinho. E perguntou: – De que é que você está rindo?

Lucas Lauro não queria dizer e foi salvo por Naná, que perguntou:

– Por que o hotel tem tantas fotos do mesmo pássaro?

– Minha mulher achou bonito. Acha que azul combina bem com a parede – ele explicou.

Na mesma hora, a mulher passou a tocar uma sineta:

– Jantar! Jantar! – ia gritando e empurrando todos para o refeitório.

Lá dentro, postado à porta que dava para a cozinha, usando uma casaca e luvas brancas, um novo personagem os aguardava. Na verdade, quando falou, não era mais tão desconhecido. Sem a maquiagem e a fantasia de palhaço, era apenas um homem calvo e de costeletas acentuadas.

– *Buenas noches!* – cumprimentou.

Depois foi ajudado por um menino e uma menina. Dolores reconheceu, mesmo em roupas comuns, o espantalho. Foram apresentados como Héctor Néstor e Cármen Dolores. Todos notaram o nome da menina e comentaram com a diretora.

– Somos quase xarás – ela disse.

Naná quis saber então o único nome que eles ainda não sabiam, apontando para o adulto.

– Meu mordomo? Juan José Ramón, quá-quá-quá – respondeu a fada-borboleta.

As crianças ajudaram o pai a servir a refeição. Não era nada especial, pois, quando terminou, ninguém se lembrava do que havia comido. Então Mauro disse que era hora de dormir e, ajudado pela esposa e por Juan, conduziu cada hóspede, inclusive os dois adultos, para os respectivos quartos. Sem refletir, todos obedeceram e logo se viram deitados em suas camas. De repente a luz do hotel se apagou. Tudo mergulhou na escuridão e no silêncio.



Demoraram muito para acordar de uma noite aparentemente sem sonhos, embora Gigi sentisse que seu sonho tinha sido apagado por uma grande borracha. A última a chegar para o café foi Íris, parecendo a mais cansada da turma. Dona Dolores viu quando Cármen sorriu para a aluna sonâmbula, que, de modo automático, lhe devolveu o sorriso.

Lá estavam de novo o mordomo e seus filhos, servindo a nova refeição. Naná achava que nada tinha sabor. Será que estavam bebendo e comendo em xícaras e pratos de brinquedo? Bebidas e comidas, mesmo com a aparência real, seriam feitas de algo como papel ou algodão?

Charles sentia certo conforto por não escutar as risadas do casal Fraga Braga. A dupla o deixava apreensivo, sem atinar com o motivo para isso. Gumercindo, assim como Jadico e Lucas Lauro, comia com grande apetite o que não tinha gosto.

Zazá, Úrsula, Pimba e Cacao cochichavam como sempre. Estavam desconfiados da ausência dos proprietários. Taquinho e Niquinho comentavam o mesmo assunto, mas num tom de voz normal.

Taquinho perguntou a Héctor:

– Onde estão aqueles dois?

Quem respondeu foi Juan:

– *Están* preparando uma surpresa para os hóspedes.

– Não! – Úrsula quase gritou, prevendo alguma cilada macabra.

– Isso não está me cheirando bem – disse seu irmão gêmeo.

– Não fale assim, Pimba! – dona Dolores interrompeu a conversa da meninada, antes que fossem surpreendidos por uma súbita aparição dos donos do hotel. Por sorte, eles não vieram.

Ela então sentiu Héctor se aproximar e colocar ao lado dela mais uma rosa, que ela levou ao nariz, aspirando a doçura acentuada de seu perfume.

Naná olhava para um quadro na parede atrás de Zazá, sentada à sua frente. Era mais uma pintura do pássaro azul. Ela tinha a impressão de ter sonhado com ele. Revia uma última pena que voava sozinha depois que tudo lhe fora apagado da lembrança. Era como se o pássaro dos sonhos não quisesse que ela se lembrasse do que tinha sonhado.

Gigi também refletia sobre a noite anterior. Conseguiu se lembrar de que acordara por um momento e ouvira um barulho depois de a porta do quarto ao lado, o de Íris, ter sido aberta. Alguém deve ter acompanhado a menina até sua cama, pois passos abafados foram deixando o quarto, e a porta foi cuidadosamente fechada.

Por mais que se esforçasse, Gigi não conseguia se recordar do que acontecera antes ou depois.



De fato, Íris tinha se levantado à noite e, sem perceber, deixara o quarto.

Estava, como todos os outros, completamente alheia ao que acontecia no hotel. Uma infinidade de pássaros, assim que o escuro se fez, foi deixando a imobilidade dos muitos quadros e ganhando vida.

Os lagartos, por sua vez, abandonaram as estampas dos abajures e, subindo pelas portas, destravaram as maçanetas. Os pássaros do sonho entraram e invadiram o sono dos alunos e dos adultos.

Alguns calangos se perfilaram à porta do quarto de Íris, esperando que Mauro e Mara silenciassem e adormecessem. Sua conversa abafada era o único ruído, vindo justamente do quarto mais afastado de todos. De uma fresta, sob a porta, escapava a pouca luminosidade que contrastava com o breu no resto da casa.

Os lagartos, de dentro do hotel, abriram também a porta dos fundos, por onde entraram os dois calangos bem maiores que o resto, aqueles que a garotada confundiu com esculturas. Empurrando a bola amarela, eles se dirigiram para o quarto de Gumerindo e colocaram o objeto junto ao chapéu de couro.

Quando o motorista se levantou, horas mais tarde, se esqueceu de sua fantasia e não se deu conta de que a bola estava bem ao lado ou, se a viu, parecia não se lembrar de que tinha sido perdida.

Dolores também teve uma visita noturna. Um corvo, escapulindo do relógio cuco onde morava, conseguiu se esgueirar para perto da cabeceira da diretora, onde agarrou a rosa, já murchando, e fugiu rápido com ela no bico.

Os calangos menores que guardavam a porta da sonâmbula se afastaram assim que a menina deixou o quarto e se encaminhou para fora do hotel. Outros, vindos dos jardins e do pomar, pareciam que já esperavam por ela e foram subindo, à sua volta, em direção ao lago. A lua iluminava, palidamente, o caminho.

Íris se dirigiu à margem onde ficava a cabana e procurou o ancoradouro. Antes que entrasse no barco, dois braços a puxaram. Logo era levada de volta ao hotel e ao seu quarto. Enquanto isso, os pássaros esperavam que cada um concluísse seu sonho e, cuidadosamente, apagaram seus vestígios assim que a manhã sucedeu à confusa madrugada.



Contrariando as expectativas, o dia transcorria bastante monótono, exageradamente quieto. Dolores teve o cuidado de advertir a turma de não colher rosas nem comer pitangas. Esta última parte era fácil, pois ninguém ali tinha fome e até estranhava o formato e a cor das frutas, quase artificiais.

Eles se sentiam mais leves, o que não os incomodava em nada. Estavam mais sensíveis para observar minuciosamente a paisagem, cada folha de um verde diferente, e achavam as borboletas mais coloridas e brilhantes. Gumercindo, sentindo falta do que fazer, voltou ao hotel.

O palhaço voltou com a charrete. Tinha a boca menos sinistra, mais alaranjada do que vermelha, e a maquiagem não escorria de seus lábios. A mula, que cumprimentou zurrando, estava mais faceira. Trocaram seu chapéu de palha e o colar de flores por um turbante com brincos de argola costurados nas extremidades. As orelhas do animal passavam pelos furos estratégicos do turbante. Dolores teve a fugidia impressão de ter visto a mula sorrir-lhe rapidamente.

Meninas e meninos se separaram, mesmo sem combinar. Naná tinha distribuído papéis, canetas e lápis coloridos para as colegas. Assim todas podiam tentar reproduzir as rosas dos canteiros.

Cada menina escolheu sua flor e se concentrou no desenho. A flor de Naná ficou apenas esboçada, inacabada. Uma joaninha tinha subido pelo caule e se colocado sobre uma pétala. A menina então

procurou, em seu estojo, as cores preta e vermelha. Imóvel, o inseto parecia posar para um retrato.

Os meninos se revezavam em passeios de charrete, conduzidos não pelo mordomo, que tratara de escapulir, mas por Héctor Néstor, novamente vestido de espantalho. Gumercendo, de volta ao hotel, estava disposto a oferecer sua ajuda, caso os anfitriões precisassem.

Quando Cármén Dolores veio em seguida, vestida de bruxinha, toda de roxo, com olheiras roxas pintadas sobre um rosto muito branco, Gigi, em vez de se assustar, sentiu alívio. É que estava esperando a aparição da fada-borboleta e do homem-grilo.

Perguntou à filha do mordomo, que examinava seu desenho, não tão perfeito como o de Naná, mas quase tão bom:

- Que surpresa a Mara e o Mauro estão preparando?
- O baile de carnaval.
- E quando vão chegar outros hóspedes?
- Mas o hotel está completo. Não cabe mais ninguém. Vocês estão ocupando todos os quartos.

Dona Dolores, ao ouvir a informação, ficou intrigada. Ninguém precisava de um apartamento individual. Aliás, os quartos eram bem amplos, acomodariam facilmente mais uma ou duas camas. Entretanto, sempre que pretendia perguntar aos donos do hotel a razão daquele convite, ela se distraía com outro pensamento e se esquecia de abordar o casal.

Naná tinha dado papel e lápis também para a diretora. Mas já não havia canetas nem lápis amarelos ou verdes. Dolores separou os lápis azuis e começou a desenhar nuvens. Nem precisava olhar para o céu. Elas vinham à sua mente do mesmo modo como tinham aparecido lá perto do caramanchão, diante do lago. Lagartixas ou lagartos. Um macaquinho com jeito travesso.

Então quis desenhar uma bola. Sem caneta ou lápis amarelo, irrefletidamente, usou o vermelho. Um vermelho muito forte, no mesmo tom da maquiagem usada na boca do palhaço no dia em que chegaram. Conseguiu fazer a bola bem redondinha, mas não a colocou entre as nuvens, junto ao azul-claro do céu. Ela foi flutuar na água do lago, de um outro tom de azul, muito escuro, quase a cor da noite.

Dolores deixou cair a folha com a paisagem irreal. Parecia que seu braço tinha sido roçado pela pena negra de um pássaro, que ela logo perdeu de vista.



Os primeiros que subiram na charrete foram Jadico e Lucas Lauro, logo seguidos por Cacau e Pimba. Héctor não permitiu a nenhum deles tomar o seu lugar, deixando a turma contrariada, mas mostrando quem controlava a situação.

– Como se chama a égua? – Pimba quebrou o gelo, já que um clima de descontentamento se instalara entre o condutor e os hóspedes.

– É uma mula. O nome dela é Dorita.

– Ei, Dorita! – cumprimentou Cacau. Ela respondeu zurrando.

Como Jadico e Lucas Lauro insistiam para que acelerassem a velocidade, parecia que Dorita e Héctor estavam combinados. Ela ia a um passo bem lento.

– A pé a gente vai mais rápido! – reclamou Lucas Lauro.

A mula zurrou de um jeito diferente, parecia estar rindo. A turma pediu então para voltar.

Eram aguardados pelos outros meninos, prontos para substituírem a primeira turma. Foi a vez dos quatro que desembarcavam rirem da pressa de Niquinho e Taquinho, acompanhados de Charles, sempre mais calmo.

– Eles vão ver que passeio mais bobo é esse! – comentou Jadico.

Mas Dorita pareceu reconhecer Eustáquio e Nicolau, que já tinham andado de charrete, e foi acelerando sua marcha, para decepção dos que tinham acabado de descer.

– Entendi por que as mulas são consideradas teimosas – concluiu Pimba.

– Essa Dorita parece mandar no espantalho – disse Lucas Lauro.

– Acho que eles têm um pacto – Cacau observou.

– Quanta imaginação! – ironizou Jadico.

Dolores, temendo que os dois irmãos sempre irrequietos fossem atacar as pitangueiras, pediu emprestados a Naná lápis de colorir e folhas em branco. Pediu aos quatro que desenhassem um pedaço da paisagem. Podiam escolher qualquer cena.

Jadico e Lauro, sem se consultar, começaram a desenhar pitangueiras. Enquanto Pimba, com um lápis na boca, refletia, Cacau examinava o chão. Pensava em procurar formigas, gostaria de desenhar duas fileiras, uma indo, outra vindo. Junto de uma pedra, um lagarto muito grande e escuro parecia querer posar para ele. O menino julgou que fosse uma daquelas estátuas na entrada do hotel, mas decerto era apenas um lagarto parecido. Estátuas são estátuas, não mudam de lugar.

Olhando em torno, Pimba descobriu uma árvore diferente, bastante torta, os galhos tão retorcidos quanto o tronco. No meio da folhagem, ocultava-se um pássaro de penas pretas. Um corvo? Mas não existem corvos neste lugar. Por que então a ave lhe parecia familiar? Uma vaga lembrança do Jardim das Margaridas, aonde tinham ido sozinhos com seu Gumercindo, queria voltar à sua mente.



Dorita parecia feliz com os novos passageiros. Talvez porque houvesse um a menos, deixando a charrete mais leve. Ela se dispôs a ir muito mais longe e num ritmo mais animado.

Os passageiros logo viram o Lago do Silêncio se aproximar. Héctor fez com que a charrete o contornasse.

– Onde está o bote? – Niquinho perguntou, estranhando que não estivesse no pequeno ancoradouro, mas o menino fantasiado de espantalho, sem responder, limitou-se a sacudir os ombros.

Taquinho e Charles também se lembraram de que no outro dia ali havia um pequeno barco. Bem que gostariam de saber para onde ele tinha sido levado e por qual motivo.

– Sua família mora nessa cabana? – Charles perguntou, e Héctor, movendo a cabeça, fez que sim.

Taquinho e Niquinho assobiaram quase juntos. Eles achariam demais morar em uma cabana como aquela. Alguém já devia estar preparando uma refeição. A chaminé começava a soltar sua fumaça azulada.

A mula decidiu se afastar dali, como se temesse mais perguntas embaraçosas para o seu condutor. Rapidamente, quase galopando, Dorita entrou por um atalho, uma estradinha bem estreita, com os galhos das árvores em volta roçando as pernas e os braços dos que se sentavam nas beiradas da charrete.

Charles estranhou que a mula decidisse correr logo naquele trecho, mais estreito e com curvas repentinas, enquanto Nicolau e Eustáquio, agitados, gritavam “oba” e “dá-lhe, Dorita!”.

Então ela foi se cansando e deixou que Héctor Néstor voltasse a dirigi-la. A estradinha terminava depois de uma curva, onde outra se iniciava. Tinham a impressão de que iam voltar. Não havia mais árvores, mas uma espécie de capinzal bastante ralo de um lado e bem crescido do outro.

Parecia ser uma espécie de capim bem escuro e muito diferente. Não era verde, mas de um marrom quase preto, deixando em alerta os nervos de Taquinho e Niquinho e atizando a curiosidade de Charles, que acabava de perguntar o que era exatamente aquilo.

– É o mato do cabelão – respondeu Héctor.

De fato, parecia uma enorme cabeleira humana, como se um ser gigantesco estivesse enterrado sob ela.

– Acho que se o Cacau ou o Pimba estivessem aqui... – murmurou Taquinho.

– ... iriam dizer aquela frase que eles gostam de usar – completou Niquinho, no mesmo tom.

Charles, falando alto, explicitou o que os outros imaginavam.

– Iriam dizer: maldição das trevas!

A frase deve ter assustado a mula, que se pôs a galopar a toda, quase virando a charrete, não fosse a força empregada por Héctor para controlar o animal.

Os três hóspedes concordaram quando o espantalho propôs o fim do passeio.



Não tinham, estranhamente, notado a falta de Gumercindo. Sem encontrar ninguém dentro da casa, ele foi diretamente ao quarto para pegar seu chapéu. Dessa vez, notou a bola e imaginou que alguém a tivesse encontrado e trazido de volta.

Pensou que não daria para continuarem a partida interrompida, pois os jogadores tinham se dispersado em atividades diferentes. Ele então largou o chapéu de cangaceiro onde estava e se deitou para cochilar alguns minutos, mas dormiu muito mais do que pretendia. Só acordou com a sineta de Mara chamando para o jantar. Acabou perdendo o almoço. Mesmo assim ninguém havia dado pela sua falta nem perguntado por ele.

No refeitório, mais tarde, os demais se perguntavam que carnaval era aquele, evidenciado apenas pelas fantasias dos atendentes do hotel. Juan José Ramón vestia de novo seu traje de mordomo, que, para Charles, era quase uma fantasia. Aliás, meio parecida com a indumentária de terno e cartola de Mauro, embora não fosse verde. Os filhos do mordomo usavam roupas comuns, protegidas por um simples avental branco.

Mara viera ajeitando as asas de borboleta, presas aos ombros. Acabava de amarrar na cintura uma faixa grossa de cetim, mais um detalhe de sua roupa. Ela trazia um ar preocupado e se pôs a pedir desculpas.

– Não sei o que aconteceu. Nosso baile na quadra esportiva foi prejudicado. A orquestra que contratamos não apareceu. Parece que os músicos se perderam no caminho.

– Com certeza não viram a placa – observou Gumercindo.

O motorista revelou que por pouco ele não seguira direto, estrada afora. Os dizeres identificando o hotel estavam meio apagados.

– Amanhã mando o Juan retocar o letreiro – observou Mauro.

Enquanto os hóspedes jantavam algo que não identificavam e que não lhes traria nenhuma lembrança depois de engolido, soou um telefone. Ouviram os passos curtinhas de Mauro se afastarem rumo à recepção.

Depois ele voltou, com um ar tão desolado quanto o da mulher, minutos antes.

– Os músicos desistiram. Não virão nem mesmo amanhã.

– Quem se importa... – Dolores ia dizendo “com carnaval?”, quando foi interrompida por Gumerindo.

– Não seja por isso! Nós mesmos podemos animar esse baile. A turma já ensaiou muitas marchinhas. Se eu tivesse uma sanfona...

Eis que Cármen Dolores surgiu com uma sanfona branca e um sorriso. Sem dizer nada, colocou o instrumento diante do motorista.

– Grande ideia! Amanhã, então, teremos nosso baile, quá-quá-quá! – A fada voltou a rir.

Jadico e Lucas Lauro seguravam o riso, imaginando como seria Gumerindo animando o baile. Dolores ainda pensava “não estou acreditando”, quando notou outro olhar sobre ela. Não era nenhum calango, mas simplesmente Héctor Néstor.

Gigi foi a primeira a se levantar da mesa para voltar ao seu quarto. Ao passar pela porta aberta de Íris, pensou em entrar e verificar se a janela da colega não tinha ficado aberta. Mas sentia um peso enorme nas pernas, e a vontade de dormir se tornava a cada instante mais urgente.



Dolores trancou por fora o quarto de Íris assim que a menina se deitou. Foi sua última lembrança, pois em breve não saberia como entrara no próprio quarto, mergulhando entre os lençóis.

De nada adiantou a intenção de proteger a aluna, pois, assim que começou a festa noturna dos calangos e dos pássaros azuis, a menina se levantou, abriu a janela, passou meio desastradamente por sua abertura

e por pouco não caiu de joelhos a um passo do roseiral. Logo se afastava do hotel na direção já conhecida do lago.

Naná foi a última a dormir. Tinha deixado seu desenho junto à cabeceira. A joaninha se desprende dele e veio caminhar sobre o braço da desenhista, fazendo-lhe cócegas bem de leve, mas suficientes para que ela abrisse um olho e reconhecesse um pássaro do sonho fazendo curvas junto ao teto. Seria a única imagem que restaria do que, mais tarde, achou ter sido o sonho daquela noite. Todos os outros vivenciavam sonhos intensos, mas que haveriam de esquecer.

Charles dormiu com a estranha sensação de que um lagarto de verdade se mexia sobre o abajur ainda aceso. Lucas Lauro e Jadico se viam devorando as pitangas enormes e brilhantes que entravam pelo quarto, enquanto os galhos das árvores cresciam e atravessavam as paredes.

Zazá e Cacau ouviam a gargalhada assustadora de um palhaço com os olhos injetados de sangue. Pimba e sua irmã gêmea, Úrsula, sonhavam com bruxas e espantalhos, surgindo um atrás do outro numa sequência sem fim. Mas o pesadelo mais amedrontador era compartilhado por Eustáquio e Nicolau. Uma cabeleira enorme se eriçava e se soltava da terra com incríveis estrondos. Os cabelos começavam a crescer e corriam em perseguição aos dois amigos, tentando agarrá-los e derrubá-los.

Nini se afligia com um mergulho de seu Gumercindo no lago, tentando reaver sua bola, mas ele também era engolido pela água lodosa. Dolores se sentia despertar, embora continuasse dormindo. Como se fosse igual a Íris, ela caminhava pelo hotel, atenta ao tique-taque do cuco. Queria surpreender o canto do pássaro, escondido no interior do relógio.

Gigi sonhou com uma sanfona branca, que caía das mãos entorpecidas do motorista. Ela então começava a dedilhar uma lira e a cantar junto de Dolores, que segurava uma rosa-de-ouro.

Fora do hotel, a lua iluminava o caminho de Íris. Em torno do lago, mulheres muito brancas e de olheiras roxas fabricavam tecidos transparentes de renda. Sem interromper o trabalho, interrogavam Héctor para saber por que ele escondera o barco em que pretendiam levar a pequena sonâmbula para um passeio na noite silenciosa. No entanto, o menino não parecia escutá-las e, menos ainda, vê-las.

Descalça, Íris começou a entrar na água muito fria. Já havia mergulhado até os tornozelos, quando sentiu mais uma vez que Cármen Dolores a puxava de volta.



Todos tiveram dificuldades para acordar e passaram um dia bastante comum. Mara Fraga Braga olhou para Gumercindo, ao cruzar com ele, e pediu ânimo, pensando na festa que ele prometera comandar.

– Calma, calma, madame! – o motorista respondeu, explicando que estava descansando a fim de reunir forças para a noite.

Mauro Fraga Braga olhou com desconfiança para Jadico, quando o menino interferiu:

– Vocês vão ver que farra!

Ao que Lucas Lauro acrescentou, sufocando o riso:

– Algo nunca visto neste lugar!

– Estou pagando para ver – comentou o homem de verde.

– Espero que venham fantasiados! – disse a proprietária.

– Só trouxemos uns colares. Seu Gumercindo até tem um chapéu – ia se explicando Nini.

– Então vamos emprestar algumas fantasias pra vocês. – Mauro Fraga Braga piscou exageradamente o olho para Nina Diane.

Aos poucos os meninos foram ficando mais curiosos, esperando a noite chegar. Gumercindo passou o resto da tarde no quarto tocando sanfona.

Dolores levou os meninos para fora e sugeriu que cantassem as marchinhas que tinham aprendido na viagem. Fez com que repetissem as que falavam de flores, como a da jardineira e da camélia. Mas Zazá e Úrsula pediram que parassem com essa. Não estavam gostando do verso “deu dois suspiros e depois morreu”. Gigi propôs, então, que cantassem

aquela música do momento em que tinham chegado. E atacaram mais uma vez “Ó abre alas”.

Foram então convocados por Juan José a voltar a seus quartos, pois uma surpresa os aguardava. Uma fantasia para cada um deles havia sido colocada sobre a cama.

– Será que a minha é alguma roupa de princesa? – perguntou Naná.

– Queria ser um toureiro – falou Taquinho.

– E eu, um pirata – disse Niquinho.

Mas todos se decepcionaram muito. As fantasias eram iguais. Lençóis brancos e ordinários com furos nos olhos. Eram treze menores e dois maiores, pois também a diretora e o motorista ganharam roupas baratas de fantasma.

Gumercindo ainda quis usar o chapéu de cangaceiro, mas o mordomo não deixou. Disse que não combinava com o resto do bloco.

...

Quando a hora chegou, lá se foi a turma de fantasmas, o sanfoneiro na frente, rumo à quadra cheia de máscaras e serpentinas, algumas na verdade já derrubadas pelo vento que tinha soprado desde a véspera.

Ninguém, a não ser Gumercindo, achava que carnaval combinava com sanfona, tão mais apropriada para uma quadrilha de festa de São João.

– Parece que vamos pagar muito mico esta noite – Charles comentou com alguém que pensou ser Naná, mas que também podia ser Íris.

– Gente! Vocês estão vendo? – Nini chamou a atenção de quem estava perto dela.

Um outro bloco de fantasmas vinha se aproximando. Três eram grandes e dois, menores.

– Eu, hein! – Pimba já ia se assustando.

Mas foi tranquilizado pela voz de Niquinho:

– É o pessoal do hotel.

– Finalmente tiraram as fantasias de sempre – notou Zazá.

Os recém-chegados se misturaram à turma da escola. Nini notou que, se já não reconhecia seus colegas, agora ficava ainda mais confusa. Quem era mesmo quem? Só tinha certeza da identidade do sanfoneiro.

A primeira música que ele atacou foi, por sorte, uma de que todo mundo gostava:

– “A estrela d’alva no céu desponta
E a lua anda tonta com tamanho esplendor.
E as pastorinhas *pra* consolo da Lua
Vão cantando lindos versos de amor”.⁴

Dolores olhou para cima, tentando procurar a Lua ou Vênus, que era a maior das estrelas, mas o céu estava muito escuro, muito mais do que nas noites anteriores. Mesmo as estrelas davam a impressão de que tinham diminuído e brilhavam menos.

Todos misturados, fizeram um cordão atrás de Gumercindo e deram uma volta na quadra, continuando com a canção:

– “Linda pastora, morena da cor de Madalena,
Tu não tens pena de mim,
Que vivo tonto com o teu olhar.
Linda criança, tu não me saís da lembrança,
Meu coração não se cansa
De sempre, sempre te amar”.

Então ouviram ao longe a inesperada batida de tambores, que ia se aproximando e aos poucos sufocando o som da sanfona.

A meninada seguiu comandada pelo motorista, que atacou uma canção mais animada. Só Íris não conseguiu participar, afastando-se da roda que eles tinham formado:

– “A canoa virou
Por deixar ela virar
Foi por causa da menina,
Que não soube remar”.

A quadra foi então invadida por outro bloco, com fantasia semelhante, mas eram sete lençóis de renda prateada. Vozes femininas se juntaram ao coro predominantemente juvenil:

– “Menina, larga o remo,

Pula n'água, marujada,
Pula n'água, pula n'água, pula n'água,
Pula n'água, pula n'água, pula n'água,
Que a canoa tá furada”.⁵

Íris sentiu vontade de sair correndo dali rumo ao Lago do Silêncio, mas Gigi segurou sua mão e a reteve, sem que a garota soubesse quem a tocava.

Os meninos pararam com a dança bem no meio do salão improvisado. Em volta deles girava e cantava, tocando seus tambores, o grupo recém-chegado.

Gumercindo não conseguia acompanhar o ritmo diferente, e todas as meninas, mesmo Íris e Gigi, se impressionaram com a beleza daqueles lençóis. A renda tinha certa transparência, sobretudo na parte do rosto. Podiam ser entrevistados, sob uma maquiagem muito branca, rostos de mulher com uma aparência triste, porque olheiras escuras ensombreciam seus olhos.

Todos os outros se sentaram no chão, hipnotizados pela dança daquelas criaturas, que rodavam e rodavam em torno deles. Até que, do meio delas, uma voz sozinha entoou:

– “Quem parte leva saudades de alguém
Que fica chorando de dor...”⁶

Os tambores emudeceram, e o círculo de fantasmas estranhos foi se desfazendo, seguindo a mulher que cantava:

– “Ai, ai, ai, ai, está chegando a hora...”

Assim que se afastaram, Dolores perguntou a quem estava a seu lado, que, pelas formas, supunha ser Mara:

– Quem eram?

A dona do hotel custou a responder:

– Pior é que eu não sei!

. . .

Que falta fazia pelo menos um companheiro de quarto. Como conseguir dormir, sem comentar com um amigo as sensações daquela festa?

Cacau queria trocar impressões com Pimba, e Zazá com Úrsula, sobre os fantasmas prateados. De onde surgiram aquelas mulheres? Eram mesmo mulheres ou criaturas das trevas? Ainda bem que foram embora, mas tinham deixado uma impressão tão forte que os quatro só pensavam nelas.

Tão acostumados um com o outro, afinal eram melhores amigos, Niquinho e Taquinho também gostariam de trocar algumas ideias antes de dormir. Eles, que só tinham gostado até ali de passear de charrete, haviam achado surpreendente o baile de carnaval. Cada um se lamentava de não ter havido o baile da véspera.

Naná queria se sentir mais acordada e menos cansada para poder reproduzir, em detalhes, os bordados dos lençóis prateados do grupo de carnaval, que ela pensava ter sido contratado pelo pessoal do hotel. Ela se imaginou criando uma coleção inteira de roupas de festa com aqueles tecidos. Nada de lençóis ou fantasias. Gostaria de desenhar sobretudo um traje de noiva, o rosto coberto com aquele véu. É claro que o modelo de sua coleção usaria uma maquiagem mais suave e alegre.

Dolores pensava naquelas mulheres misteriosas. Por que não aproveitou a oportunidade para interrogar Mara Fraga Braga? A mulher não sabia mesmo quem eram as outras? Por que tinha convidado sua turma inteira, Gumercindo e ela e qual a razão para que fossem os únicos hóspedes do Lago do Silêncio?

Gumercindo sentia uma ponta de ciúme. Se não fossem os tambores intrusos interrompendo sua música, ele teria sido o único animador da noite. Tinha ensaiado tanto com a sanfona que lhe emprestaram!

Charles descobrira que gostava de carnaval. Achava bonitas as letras de algumas canções, embora a maioria fosse muito boba. Mas a que falava das pastorinhas, da Lua e da estrela era tão interessante... O grupo de mulheres só chegou depois, mas ele se perguntava se elas não poderiam ser as próprias pastorinhas, invocadas pela primeira canção da noite.

Nini adorava cantar, talvez por isso se sentisse tão próxima de Gumercindo, quase um substituto de seu avô. Reconhecia um encanto diferente nas vozes harmoniosas das mulheres desconhecidas. Em sua cabeça

ressoava a música da canção de despedida. A saudade de quem fica, a despedida de quem parte. Pela primeira vez admitiu que estava gostando daquela excursão.

Íris e Gigi pensavam em outra música, aquela que eles cantavam quando chegou o bloco diferente. Para Íris, a primeira parte do baile lhe trazia uma recordação alegre e despreocupada. Até então estavam se divertindo sozinhos.

Entretanto, quando seu Gumercindo veio com a música da canoa, farejou uma espécie de ameaça no ar: uma canoa virando, por causa de uma menina que não sabia remar, e ninguém aparecendo para a socorrer. A única saída, para quem não conseguia remar, era pular na água. Teve a súbita impressão de quase ter entrado no lago e molhado os pés em uma água gelada, mas ela não mergulhou e não entendia o que podia ter acontecido.

Para Gigi, alguma coisa lhe dizia que a música da canoa havia incomodado Íris. Só podia ser ela o pequeno fantasma que parou de cantar e deixou a roda naquele momento em que Gisele teve de segurar a mão de alguém que parecia querer fugir. E bem quando chegou o grupo tão estranho. Gostaria de ter visto melhor os rostos debaixo do véu. Tinha um palpite de que eram máscaras, muito mais intrigantes do que aquelas, tão comuns, que decoravam a quadra.



Enquanto, no dia seguinte, Dolores procurava os proprietários do hotel, ou ao menos um deles, para esclarecer as coisas que não entendia, Gumercindo enterrou na cabeça o chapéu de couro, desprezou a sanfona e enfiou a bola amarela debaixo do braço, apertando-a com força para que não escorregasse.

– Escoteiros! Cangaceiros! – disse, arrebanhando os times para retomar a partida interrompida.

Sem outra opção, todos acabaram indo atrás dele. Lá se foram pela estrada que conduzia à parte mais afastada do hotel. Alguns pensavam que o jogo ia distrair a cabeça, pois, durante o café, que não deixava gosto nem lembrança, Mauro Fraga Braga, entre duas piscadelas e uns quatro “qui-qui-quis”, anunciou que à noite teriam outro baile para fechar o carnaval com chave de ouro.

O que poderia acontecer dessa vez? Era intrigante e impossível saber com antecedência. O quarteto que se impressionava com alguma suposta maldição das trevas vinha bem atrás, numa animada discussão, sem notar que estavam sendo de novo conduzidos para junto do lago de águas escuras.

– Aquelas mulheres de roupa prateada e bordada tinham um ar de fantasmas de verdade! – opinou Zazá.

– Já ouviram falar de almas penadas? – perguntou Pimba, muito sério.

– Almas penadas? Eu já! Elas costumam aparecer em bando, no meio da noite, principalmente em noite muito escura – Cacau respondeu, com base em algo que já havia ouvido.

– Mas não está muito cedo para essas aparições? – por um momento, Úrsula, recorrendo às próprias informações, tentou dar um rumo mais lógico para a conversa.

– Cedo por quê? – Cacau não havia entendido.

– Porque assombrações e almas penadas são vistas na Quaresma ou na Semana Santa. Nunca ouvi falar que elas se manifestassem no carnaval – a menina se explicou.

Os outros confabularam, com certo alívio. Aquelas mulheres, então, não passavam de um grupo que estava apenas brincando o carnaval.

Lucas Lauro, enviado por Gumercindo para apressar os retardatários, resolveu colocar lenha na fogueira dos mais impressionáveis.

– Pois eu acho que é no carnaval que elas mais aparecem e ficam muito à vontade perto da gente. Ninguém percebe porque todos acham que estão fantasiadas ou usando alguma máscara.

De novo em dúvida, os quatro acompanharam Lucas Lauro até onde o restante da turma fazia uma roda em torno do motorista.

– Vocês se lembram das equipes? – quis saber Gumercindo.

– Cangaceiros e Escoteiros – respondeu Charles.

– E as escalações?

Hesitaram um pouco, alguns erraram, mas Nini conseguiu dar os nomes certos dos integrantes de cada equipe.

Gumercindo organizou duas fileiras, correspondendo aos times, e as levou de novo para a beira do lago, pois estavam bem perto.

Junto do caramanchão, antes de ocuparem o gramado, lamentou não ter um apito. Podia ao menos ter pedido emprestada a sineta de Mara Fraga Braga. Achou que a turma ainda não estava no clima da competição e precisava ter a atenção estimulada.

Formou então duas rodas e com cada uma ensaiou um grito de guerra.

A primeira, enfim, se entusiasmou:

– “Braço de ferro, peito de aço,
Cangaceiros manda no pedaço!”

Logo a outra gritava:

– “É força, é raça e decisão,
Escoteiros vai ser campeão!”

Enquanto Naná se sentia satisfeita com a mudança do “fala bum, ticabum” por aquela novidade, Íris e Nini, caminhando juntas para o campo adversário, pensavam na canção da mulher rendeira, que, da outra vez, tiveram de cantar. Nini sempre escolheria cantar a gritar, mas Íris preferia nem imaginar o tipo de mulher que a letra da canção evocava. Rendeiras, sem atinar com a razão, lhe davam calafrios.

Gumercindo tinha trazido mais barbante. Os jogadores encontraram outros gravetos e bem rápido remarcaram a quadra no gramado. O tempo, com a ajuda do vento, tinha destruído a anterior. Conseguiram repetir os mesmos desenhos da primeira vez.

Mas, depois dos gritos de guerra, um silêncio preocupante parecia brotar do fundo do lago. Para a nova queimada não havia nenhum espectador. Até os calangos tinham sumido. O céu, dessa vez, não tinha nuvens. O bote não tinha voltado ao ancoradouro. A chaminé da cabana parecia apagada.



Dolores pensou que Mara e Mauro estavam fugindo dela de propósito. Quando escutava as vozes do casal e tentava chegar ao local de onde elas vinham, os dois se calavam e tratavam de sumir mais que depressa. Já tinha dado a volta por praticamente todo o hotel e examinado o interior de cada quarto. Na verdade, quem arrumava tudo era Juan José, que trocava a roupa de mordomo por outra de camareiro. A cada vez que o reencontrava, o homem negava que tivesse visto os patrões.

Quando passou pela recepção pela terceira vez, ouviu um discreto “psiu”. Era Héctor, terminando de vestir seu traje de espantalho, quem a chamava e lhe mostrava algo através de uma janela. Dolores pôde ver Mara se afastando na ponta dos pés e erguendo até as canelas seu vestido longo de fada-borboleta.

– Obrigada, Héctor. Você tem sido um anjo!

– É melhor a senhora se apressar – respondeu o menino.

Mas não adiantou muito. Quando chegou lá fora, atravessando a varanda cercada de pitangueiras reluzentes e que imitava a cabana de uma história infantil, não havia mais sinal da proprietária.

Dolores então reconheceu um zurro. A fada tinha se aboletado na charrete, que acabava de partir num trote acelerado. Dolores nem pôde ver se a mula Dorita usava o turbante ou o chapéu de palha.

Foi então que, olhando para baixo, em direção ao chão, viu dois tornozelos verdes entre troncos de pitangueiras. Certificou-se de que estavam virados de costas para ela.

Passou a imitar o andar de Mara, deslocando-se em silêncio. Felizmente não estava vestida de fada e, no lugar da saia comprida, usava uma prática bermuda.

Afastou um galho, derrubando algumas frutas já muito maduras, e percebeu Mauro Fraga Braga ao alcance de sua mão.

– Ei! – ela o chamou.

O sujeito deu um gritinho apavorado e tentou correr, mas Dolores, tropeçando, conseguiu agarrar uma daquelas pernas verdes e derrubou o homem-grilo, que começou a gritar “Socorro, me acudam!”.

– Não vou largar você até que me explique tudo o que estou sem saber! – decidiu-se a diretora, ao comprovar que era mais forte do que o adversário.

– Socorro, socorro! – ele continuou berrando.

– Eu não vou fazer nada com você! Mas responda às minhas perguntas!

– Não!

– Por que não?

– Eu não posso! A Mara não deixa!

– Ela não precisa saber. Por que vocês convidaram a gente? E por que não existem outros hóspedes?

– Estamos fazendo um teste. Ainda não abrimos o hotel. Precisávamos ver como tudo iria funcionar.

– Mas como souberam de nós?

– Ai, minha mãe, minha tia, minha avó! – ele gritou, olhando por cima de Dolores, praticamente ajoelhada sobre o peito do marido de Mara.

– Não me venha com truques! Trate de me responder!

Então ela sentiu se despejando sobre sua nuca e suas costas o jato frio e forte da mangueira de jardim que Juan José empunhava.

Dolores, surpreendida e molhada, soltou sua presa. De pé num único pulo, a silhueta verde fugiu, confundindo-se com as folhas das árvores mais distantes da casa.



Antes que pudesse chamar um “cangaceiro” e um “escoteiro” para o par ou ímpar, Gumercindo sentiu um puxão forte arrebatando a bola que ele segurava. Entendeu de imediato que a nova partida não co-

meçaria sob seu comando, mesmo que ninguém tivesse efetivamente aparecido de surpresa.

A bola ganhou imprevista autonomia, ia tocando os ombros de todos os jogadores, um depois do outro. Parecia ter recebido uma ordem secreta. Abandonaram a divisão em times e se puseram em fila, atrás de Íris.

Gumercindo podia jurar que nunca houvera uma ilha no meio do lago. E muito menos uma ponte de madeira vermelha, com guarda-corpo pintado igual, ligando a ilha à margem. De repente, tinham se tornado visíveis. Íris rumou firme para lá, levando os colegas na travessia.

O motorista quis pedir que voltassem, mas se viu engasgado. A cena diante dele se embaralhou, e ele foi perdendo a força e caindo de joelhos. Conseguiu se apoiar nas mãos, mas sem poder se reerguer. Uma neblina, brotando do chão, o envolveu, impedindo que enxergasse o que estivesse a alguns milímetros de seu nariz. O pior é que não ouvia nenhuma voz, mas percebia o impacto de um silêncio pesado e repentino.

Sentiu que se tornava difícil mover os dedos. Percebeu como seus cabelos e sua barba cresciam sozinhos. Estava se transformando em uma criatura irreconhecível.

Completamente desligados de tudo à sua volta, os treze companheiros caminhavam pela ponte toda vermelha. Uma neblina embaçava a ilha à frente deles.

Lá adiante, cercada de arbustos, puderam ver uma casa de madeira bem torta, feita de galhos e troncos entrelaçados, com uma varanda, dois andares e um terraço no alto formando um círculo mal desenhado.

Sete mulheres os olhavam do terraço. Usavam túnicas roxas, tão roxas quanto suas olheiras. Tinham as mãos amarradas, e uma delas chorava.

Charles, que vinha atrás de Íris, tinha um lenço e o ofereceu à mulher. Todos os outros olhavam a cena descrentes. Como ela, lá em cima, pegaria um lenço com as mãos amarradas?

Gumercindo, sem enxergar direito o que estava se passando e incomodado com a cabeleira e a barba que já chegavam ao chão, não notou o silencioso calango que dele se aproximava.

Mas os meninos viram um pássaro azul, vindo do nada, pegar no bico o lenço, voar até onde se agrupavam as sete mulheres, enxugar os olhos da que chorava e, na volta, guardar cuidadosamente o lenço molhado no bolso de Charles.



Juan José se distraiu tentando em vão fechar a mangueira, o que permitiu que, mais rápida, Dolores a agarrasse, invertendo as posições. Agora era ela quem esguichava água no homem vestido de faxineiro.

Em sua língua, ele começou a gritar por ajuda, fazendo com que Mara o ouvisse e retornasse à casa, abandonando a charrete em socorro de seu mordomo e faz-tudo. Mauro, disfarçado atrás de um arbusto, observava a cena de longe.

– Não faça isso, controle-se – a mulher tentou persuadir Dolores a libertar Juan, que havia caído de costas e recebia sucessivas rajadas de água fria sobre o corpo inteiro.

Dolores, então, se voltou em direção à mulher, ameaçando molhá-la, o que fez Mara dar um salto para trás e ficar com as asas espetadas numa roseira.

– Ai, os espinhos estão me picando – choramingou a fada-borboleta.

Dolores deixou que Juan se levantasse, mas não permitiu que se aproximasse de Mara.

– Está na hora de me explicarem tudo. De uma vez por todas, Mara, responda. Quem lhe deu o endereço da escola?

– Consegui no Raríssimo Antiquário. Dona Priscila, a proprietária, é amiga de minha tia. Ela me vendeu um cuco e me falou de você e de seus alunos.

– Então é isso! Boa coisa não podia vir daquele lugar esquisito!

– Pode *cerrar* a mangueira? – pediu Juan.

– Posso, se você me prometer que vai liberar seus filhos do trabalho – disse a diretora.

– Mas os dois estão só ajudando – interferiu Mara.
– Estão de férias e não têm o que fazer – disse o mordomo.
– Que férias são essas? Crianças de férias não trabalham, brincam! – falou, muito brava, Dolores.

– Está certo, os dois irmãos estão liberados, mas feche logo essa mangueira – pediu a dona do hotel.

Dolores, indo soltar Mara do galho da roseira, não percebeu que Mauro vinha sorrateiramente atrás dela, disposto a surpreendê-la. Mas o homem também não viu que a mula Dorita, tendo se soltado da charrete, vinha no seu encalço, num passo lento mas decidido. Dessa vez, ela estava com o turbante que deixava suas orelhas de fora.

Quando ele ia saltar sobre Dolores, a mula zurrou bem nas costas do homem, que gritou de susto. Dolores se virou para ele, que recebeu o último jato de água gelada. A diretora cortou a água, disse para o trio que “então estamos combinados” e resolveu que deveria ir atrás de sua turma.

Enquanto os outros foram se secar, Dolores não se incomodou de ir em frente, ainda molhada. Mesmo apressada, atendeu quando a chamaram:

– Espere por nós!

Héctor e Cármén, desfazendo-se dos aventais, vinham em direção a Dolores Del Mar. O menino trazia uma toalha amarela, e a menina, um roupão vermelho para que a diretora pudesse se trocar atrás da última pitangueira do caminho rumo ao lago.



Atrás do primeiro lagarto, uma verdadeira multidão de calangos veio em direção ao atordoado motorista, surpreendido pela súbita dificuldade de se movimentar. Reunindo sua força, os lagartos passaram, com dificuldade, a rebocar Gumercindo, o que aparentemente era improvável.

vel. Aos poucos, ele conseguiu se mexer, mas de um modo muito lento. Passou a caminhar sem dobrar as pernas ou os braços. O vento afastou os cabelos que caíam sobre seus olhos, mas não percebeu a manobra dos calangos, que, enquanto o empurravam, o afastavam do lago.

Os bichos fizeram com que tomasse outro caminho e, mesmo se movendo em câmara lenta, como num passeio pela Lua, ele chegou ao mato do cabelão. Sua cabeleira, derramada pelas costas, se confundia com os tufos daquele capim inimaginável.

Com o pescoço duro, sem ter como virar a cabeça para o chão, o motorista não via por onde andava. Deixava-se guiar pelos calangos, que se revezavam a fim de impelir o homem adiante.

O chão foi se transformando numa rampa que descia por uma espécie de trincheira disfarçada no capim. Aos poucos ele pôde reconhecer um jardim muito maltratado surgir em volta dele. Havia árvores de tamanhos diferentes, envolvidas em cipós, os troncos cheios de limo. Não pôde avançar mais. Uma escada de pedra apareceu ao final daquela depressão. Ele não conseguiria transpor nem o degrau mais baixo. Mas, na frente da escada, havia uma fonte de forma redonda. Gumercindo, em sua posição incômoda, pelo menos conseguia olhar dentro da bacia de pedra que retinha a água da fonte. Viu refletidos nela o céu, as copas de umas árvores e o finalzinho da escada. As cabeças de dois calangos enormes surgiram, invertidos no espelho d'água.

“Molhe a barba”, ouviu Gumercindo, sem identificar de onde vinha a voz.

Com muito esforço, colocou uma parte de sua barba já enorme no interior da bacia. Com alívio, constatou que podia sentir de novo os músculos do rosto e, principalmente, mexer os olhos. Notou o corpo começando a amolecer, mas sua pele estava coberta de limo. Olhando de novo na água, viu a nova cabeleira e a barba se retesando e tomando a forma de cipós.

Pôde verificar que os calangos estavam instalados em duas cadeiras de espaldar alto. Lentamente iam se transformando em dois homens iguais, como se fossem gêmeos, cada um a réplica perfeita do outro.

“Venha até nós”, a voz ordenou.

Gumercindo percebeu que ela vinha do peito de um deles, pois nenhuma das duas bocas se mexia.



A turma deixou de olhar para as mulheres no terraço, e logo todos perderam de vista o pássaro. Gigi e Charles olhavam um para o outro, sem saber o que fazer, quando foram surpreendidos pela decisão de Íris, entrando sozinha na casa torta.

A meninada hesitava em ir atrás, porque tudo parecia desequilibrado lá dentro. No fundo da sala enorme, de chão de ladrilhos com desenhos que formavam um quebra-cabeça desconexo, havia uma escada em caracol. Os degraus eram de tamanhos diferentes: uns bem largos; outros que mal davam para apoiar um único pé.

Num deles, Gigi viu desaparecer o tênis esquerdo de Íris, acompanhado das meias sobre o tornozelo. A menina já estava no outro andar. Gisele não podia deixar a amiga sozinha. Enquanto os demais andavam em roda, meio desorientados por aquele salão, tentando decifrar as imagens embaralhadas do piso, Gisele foi atrás de Íris.

Ao chegar ao segundo piso, ela se viu em um espaço com sete lados desiguais, cercado de portas, cada uma de tamanho e largura diferentes. Gigi se guiou pelos murmúrios que vinham de uma delas. Era a passagem para o terraço estreito que circundava a casa, com poucas partes retas num chão que se elevava subitamente e logo criava um desnível. Nesse momento, lentamente, o piso do segundo andar começou a girar.

Lá, numa ciranda, as mulheres se moviam aos tropeços, emitindo um murmúrio como o zumbir de abelhas. Íris ia passando entre elas com muita dificuldade, porque o terraço cheio de obstáculos, subindo e descendo, não passava de um corredor estreito.

Gigi decidiu ficar onde estava. As mulheres teriam de vir até ela, assim não precisaria repetir o esforço de Íris.

A primeira de todas veio então para onde Gigi as esperava. Quando estava mais perto, esticou os braços amarrados para a menina. A aluna de dona Dolores examinou rapidamente os nós muito apertados e confusos. Dava para ver que até um escoteiro de verdade precisaria de uma habilidade descomunal e muita paciência para os desatar.

Um barulho de asas anunciou a chegada de alguém. De volta, o pássaro azul trazia no bico uma tesoura de ouro. Ele a soltou na mão direita da menina. Por pouco a tesoura não despencou lá embaixo, mas Gigi conseguiu segurá-la.

Parada à sua frente, a mulher continuava com os braços estendidos. Íris apareceu atrás dela, sempre se esgueirando. Mas uma cortina de espinhos caiu de súbito, separando os dois grupos.

Gigi ficou sozinha com a mulher, que murmurava uma espécie de reza incompreensível. A tesoura começou a esquentar na mão da menina. Esquentava cada vez mais, acompanhando o som que se elevava dos lábios fechados à sua frente.

“Se é para cortar o nó, tenho de fazer logo, antes que minha mão comece a queimar”, pensou a garota, enquanto a desconhecida, num gesto desesperado, aproximava ainda mais dela os pulsos imobilizados.



A diretora percorria a estrada envergando o roupão vermelho e um turbante amarelo na cabeça, feito com a toalha que os filhos do mordomo lhe trouxeram. Sua bermuda tinha sido deixada no galho de uma pitangueira.

Nem ela nem Cármen ou Héctor perceberam o corpo de um pássaro escuro ir perdendo altura, diminuindo de tamanho e caindo no bolso da bermuda que o ar e o sol já começavam a secar. Só Dorita, que, de onde

estava, admirava a incrível semelhança do outro turbante com o seu, reconheceu o crocitar do corvo.

É que o relógio onde ele morava parou de funcionar, e a ave agourenta não podia mais se mover nem atormentar ninguém.

Héctor deu a Dolores mais uma rosa, e Cármén a convenceu a usá-la como um enfeite no turbante. Nenhum dos irmãos vestia sua fantasia. Sem os aventais, vestidos de tênis, *shorts* e camisetas, não se distinguiam dos treze alunos da excursão. Um pássaro azul se aproximou, deixou cair uma pena aos pés da diretora e ela logo se esqueceu das desavenças com o pessoal do hotel. Já não pensava em reunir a turma para abreviar a excursão.

Só ela parecia, no seu esquisito figurino, participar do clima carnavalesco, além de sua amiga mula. Tinha certeza de que encontraria a turma jogando queimada com Gumercendo na beira do lago. Por isso se preocupava. Aquele era um lugar de silêncio, como indicava o próprio nome. Ninguém deveria perturbar o ambiente pacífico. Pensava em trazer todos de volta para a quadra esportiva. Ali, sim, era lugar para jogar, torcer e gritar.

Ela se esquecia de que Mara Fraga Braga ainda pretendia realizar no local um último baile de carnaval. No momento, a proprietária do hotel, com o auxílio do marido e de Juan, tentava refazer a decoração para a última noite. Mauro tinha trazido uma lira e a havia levado para o centro da quadra, embora sua mulher achasse que o instrumento não combinava com a sanfona emprestada a Gumercendo.

Quando o lago já estava quase à vista, Dolores estranhou que a meninada não fizesse nenhum ruído. Só havia um murmurar contínuo, que ela atribuiu ao vento atravessando galhos e folhas.

Ela, Héctor e Cármén se viram diante de uma paisagem completamente encoberta pela neblina. Não enxergavam o caramanchão, a cabana nem as árvores em torno. Não conseguiam sequer distinguir o lago.

Só escutavam, com progressiva clareza, aquele alarido ao longe, que parecia declamar um poema ou uma oração incompreensível.

Deram alguns passos para dentro da névoa, e as cores borradas começaram a se definir lentamente.

– O que é isso? – Dolores segurou e apertou a mão das crianças.

Aos poucos, no meio do lago, surgiu uma ilha impossível de alcançar, pois não havia nenhuma ponte que levasse até ela. No meio da ilha, uma casa muito torta, de onde, com certeza, vinha o vozerio.



– O piso está solto, gente! – Jadico foi o primeiro a notar.

O resto da turma, sem ver que Íris e Gigi tinham subido pela escada instável, continuava ali com ele, no andar térreo da casa, que, ao contrário do outro, não rodava sozinho nem tinha tantas saliências.

Taquinho pegou nas mãos dois ladrilhos, verificando que, se trocasse o modo como estavam dispostos, obtinha uma combinação melhor.

– Dá para formar uma imagem. É um quebra-cabeça embaralhado! – descobriu Naná. Charles, sem dizer nada, tinha começado a alterar o desenho desordenado no chão, encaixando alguns ladrilhos, todos bem fáceis de retirar e reassentar.

Eles, então, sem perceber, se dividiram em dois grupos, de novo os Cangaceiros e os Escoteiros. Colocando-se em lados diferentes, começaram a arrancar as peças do piso, a maioria já bem bamba. Queriam descobrir a imagem certa, com todos os bons encaixes.

– Esta dá certo com essa outra peça – notou Cacau.

– E combina com essa aqui – observou Pimba, dos Escoteiros.

– Não, com esta daqui fica melhor – descobriu Naná.

– É verdade – Charles admitiu.

– Essa que você pegou, Taquinho, pode ir ali em cima – Jadico percebeu.

Enquanto isso, os Cangaceiros levaram um pouco mais de tempo para se entrosar.

– Refaz isso, Úrsula! Não vê que está ao contrário? – reclamou Lucas Lauro.

- Mas está tudo de cabeça para baixo – Zazá percebeu.
- Então vamos recomeçar – propôs Niquinho.
- Agora, sim, começou a fazer sentido – Nini se alegrou.

Entretidos na montagem da cena que aos poucos ia aparecendo abaixo deles, já não se lembravam de Íris e Gigi, que, com Gumerindo, desfalcavam as equipes.

Os Cangaceiros conseguiram entrar no mesmo ritmo dos Escoteiros. Ninguém mais cantava nem entoava gritos de guerra. Não disputavam nada, concentrados numa tarefa em que simplesmente se ajudavam, sem perceber que estavam se habituando aos times da queimada.

Aos poucos, foram identificando uma paisagem que surgia pelas beiradas; ainda não tinham uma noção exata da cena central.

Puderam ver, cercado por um capinzal muito parecido com o mato do cabelão, um jardim selvagem com árvores cobertas de cipós, os troncos cheios de limo, assim como a vegetação rala que se espalhava pelo chão. De todos os lados, calangos de tamanhos variados convergiam para o mesmo lugar. Degraus de pedra levavam a uma plataforma, onde dois homens muito parecidos, cada um em uma espécie de trono, olhavam para baixo.

No começo da escada, dava para perceber a metade de uma fonte. Diante dela, uma figura ainda incompleta. Mas eles distinguiam alguns pedaços de barba e uma cabeleira tão embaraçados quanto os cipós que sufocavam as árvores da paisagem.

Nini segurava a última peça do quebra-cabeça e se esforçava por reconhecer o rosto que se revelava a seus olhos, de onde brotava a imensa barba.



- Então é verdade! – falou Cármem, soltando-se da mão de Dolores.
- Isso não estava aí antes – reagiu a diretora, surpresa com o que via diante dos olhos. – Como é possível?

– *Papá* nos contou uma lenda. A ilha que surge quando há excesso de neblina. É bem em frente à cabana em que estamos morando – disse Héctor.

– Mas nós nunca vimos essa ilha. Achei que era só uma história – completou a menina.

A neblina ia diminuindo, sem se dissipar de todo. Aos poucos a ilha se tornava mais visível. A casa estranha, ao se revelar, fascinou o olhar dos três espectadores.

– Mas, segundo a história de *papá*, a ilha sempre aparece com uma ponte. Onde está ela? – Cármén estranhou.

A ponte não apareceu. A casa, por alguma razão, se mostrava inacessível.

– Parece que tem movimento no terraço – percebeu Héctor.

Dolores notou que por perto não havia sinal de sua turma. Mas o Lago do Silêncio não estava tão calmo. Um certo zumbido vinha daquela ilha.

– Será que eles entraram lá? – perguntou a diretora.

– Só se tomaram o barco – imaginou a menina.

– Mas nós o escondemos tão bem entre aqueles arbustos – apontou o irmão.

– Ele continua lá – Cármén conseguiu ver.

– Esperem, acho que, no meio de uns adultos na casa, vi uma criança! – disse Dolores, ansiosa.

– É a Íris – reconheceu Cármén.

– Não entendo como foi parar lá sem o barco. Em pleno dia! – Héctor se manifestou.

Os dois explicaram rapidamente que a menina, agindo como uma sonâmbula, já havia por duas vezes se aproximado do lago, e Cármén Dolores a conduzira de volta ao hotel. Foi para protegê-la que esconderam o barco.

A diretora julgou ter visto outra criança. Parecia em luta com uma figura maior, que esticava os braços para ela.

– Pode ser a Gigi – concluiu Héctor.

– Temos que ir até lá! – Dolores decidiu.

– Vamos trazer o barco – disse Héctor, correndo para seu esconderijo, seguido pela irmã. A diretora torcia os dedos. Aflita, procurava com

os olhos outra mangueira pelo gramado. Parecia precisar de uma arma como aquela. Só com as próprias mãos, diante do desconhecido, se via desencorajada. Era medo o que lhe provocava aquela espécie de câimbra no estômago?



A criatura em que Gumercendo tinha se transformado lentamente se preparou para subir a escadaria. Mas seu peso ia se modificando sempre que superava um degrau. Se, ao recobrar agilidade, perdia a aparência de uma estátua de pedra, não conseguia se livrar da cabeleira e da barba cada vez mais esverdeadas e emaranhadas, apesar de leves.

O aglomerado de lagartos não o acompanhou e se reagrupou, em volta da fonte, como se estivessem todos muito interessados no que iria se passar. O motorista tentou falar, mas sua boca não abriu. Mesmo assim, ouviu sua voz saindo da barriga.

“Quem são vocês? Por que eu estou aqui?”

Ele se dirigia às duas criaturas que o último degrau separava dele.

Ficou sabendo que estava diante dos Príncipes Lagartos, capazes de adquirir durante alguns minutos por dia a forma humana. Eram vítimas de um antigo sortilégio. Suas sete irmãs estavam cativas numa ilha ali perto. Ao contrário deles, podiam se movimentar, livres, durante a noite, desde que convocadas por algum músico.

“Mas quem enfeitiçou vocês?”, Gumercendo sentiu que se comunicava pelo umbigo.

“Nós mesmos somos os culpados por isso”, disse um deles, aparentemente também pela barriga, enquanto o outro permanecia calado.

“Como assim?”, Gumercendo conjecturava se seu umbigo se mexia ao emitir aqueles sons um tanto distorcidos.

“Porque viemos para cá para conquistar o Lago do Silêncio.”

“Conquistar para quê?”

“Para que fôssemos os senhores da paz no mundo. Quem quisesse paz e silêncio nesse mundo confuso, turbulento e ruidoso teria de pagar um tributo à nossa família.”

“Explique melhor como ficaram encantados.”

“Um gênio invisível, que já se afastou daqui, nos conjurou e nos condenou há bem mais de mil anos. Mas os lagartos, reconhecendo que tínhamos uma aparência bem próxima, nos acolheram e amenizaram nossa solidão.”

“O gênio nunca voltou? Não disse quando acaba a pena de vocês?”

“Desapareceu há muito, muito tempo, e nós passamos a detestar gente barulhenta. Por isso não queremos que esse hotel dê certo. Mas os pássaros azuis trabalham contra nós. Deixam que as pessoas se aproximem, mas fazem com que elas esqueçam logo o que viram ou sentiram neste lugar.”

“Como elas se esquecem?”

“Os pássaros jogam algo na comida e na água que são servidas aqui.”

“E por que eu fiquei desse jeito?”

“Porque, sem querer, entrou em contato conosco. Sua música despertou nossas irmãs. Sua bola amarela abalou o mistério do lago. Para completar, está bem no meio do segredo do mato do cabelão.”

“E o que eu devo fazer para voltar ao normal?”

“Agora você se tornou um de nós. Permanece visível, mas o tempo inteiro com esse aspecto. Só se liberta se nós conseguirmos ir embora daqui. Ou se alguém, por quem os pássaros do silêncio se interessem, fizer com que interfiram a seu favor.”



Íris passou a enxergar a cena através da cortina de espinhos. Queria estar do lado de Gigi, mas dali, pelo menos, podia falar com sua amiga.

– Corta a corda dos punhos dela, Gisele! Depois me passa essa tesoura, e farei o mesmo com as outras mulheres.

Gigi, entretanto, não estava muito certa do que deveria fazer. Havia uma expressão de maldade nos olhos da mulher à sua frente. Aqueles braços estendidos diante dela não iriam agarrá-la uma vez libertados? E a cortina de espinhos não significava uma prisão para Íris?

“O que eu faço?”, pensou, ao mesmo tempo que se certificava de que ninguém poderia ajudá-la.

– Vai logo! – gritava Íris.

Viu então que as outras seis mulheres começaram a cercar sua amiga. Ela teria mesmo de fazer algo para evitar o pior.

– Rápido, rápido! – Íris gritava, antes de desaparecer no meio das figuras vestidas de roxo.

A tesoura, cada vez mais quente, já feria a mão de Gigi.

Então a mulher, sem abrir os lábios, disse:

“Se não cortar a corda, elas vão furar os olhos da outra menina”.

– O quê?

Gigi segurou a corda que imobilizava a mulher e, com a outra mão, levantou a tesoura.

– Soltem minha amiga, ou faço com a irmã de vocês o que pretendem fazer com a Íris – falou num tom que lhe pareceu alto, mas sua voz tremia.

“Escutaram?”, a mulher recuou um passo para que as outras ouvissem a menina e relaxassem a pressão sobre Íris, quase sufocada entre tantas mãos amarradas.

– Larguem a Íris agora! – Gigi gritou o mais forte que pôde.

Íris aproveitou o vacilo das rendeiras, empurrou uma, pisou em outra, pulou uma terceira e conseguiu escapular para dentro da casa, esgueirando-se por baixo da porta mais baixa e estreita, sumindo num dos sete cômodos do segundo piso.

Como se a rendeira que estava diante dela a empurrasse com os cotovelos, num ataque-surpresa, Gisele tentou de novo afastá-la com a tesoura. No entanto, não dava mais para segurar o objeto, que parecia ferver. A tesoura caiu, bem entre os pés da menina e da outra criatura. O chão passou a se mexer mais rápido, como a correnteza de um rio, carregando o objeto de ouro.



Assim que Héctor, ajudado por Cármem, pôs o barco na água do lago, Dolores obedeceu às instruções afobadas dos dois irmãos e entrou ali com eles. Quase se desequilibrou, e tiveram de ajudá-la a se sentar.

Ela mal via o que se passava, envolvida pela densa neblina. Ficou mais preocupada ao verificar que os dois remadores também não viam o caminho, e a embarcação seguia a esmo.

Ouviu então o rumor de asas e um vulto se aproximando. Entendeu que um pássaro tinha acabado de pousar num dos ombros de Héctor. Te-meu que fosse um corvo, sem saber que o único corvo nas proximidades já estava fora de combate, desmaiado no bolso de sua bermuda secando naquela pitangueira.

Era um pássaro do sonho, pois suas penas azuladas foram se revelando à medida que o vapor em torno dele se dissipava. Tinha vindo para amenizar as brumas e tornar visíveis as coisas.

Dona Dolores já distinguia os rostos de seus jovens amigos, ainda ansiosos, mas com expressão confiante. Se estivesse mais longe, fora da água, verificaria que o barco deles se tornara uma mancha viva na paisagem sem cor.

Viu também a margem se aproximando. Sentiu um estremecimento ao ter de pisar em terra, uma terra que um dia antes não existia. Como uma espécie maior de vaga-lume voando diante deles, o pássaro desanuviava o caminho. Assim podiam enxergar por onde andavam.

Estavam perto da entrada da casa. O pássaro bicou de leve a rosa que enfeitava o turbante amarelo da diretora. A flor imediatamente se iluminou, como um farol aceso bem sobre a cabeça de dona Dolores.

– Não vá embora – ela pediu à ave, que mergulhava de volta na grande nuvem de onde tinham saído.

– Mas agora você tem a rosa-de-ouro! – Héctor quis tranquilizá-la.

Ela se lembrou das outras vezes em que o menino lhe dera flores iguais, mas que permaneciam simples rosas amarelas e acabavam murchas ou perdidas.

– Segundo a lenda que nosso pai conta, o pássaro tem o dom de transformar os objetos em peças de ouro. Essa rosa mágica é a proteção mais eficaz para entrar no território das brumas – explicou Cármem.

– Proteção? Acho que eu me sentiria melhor com a mangueira do jardim. – Dolores ainda não sentia coragem suficiente para prosseguir naquele lugar amedrontador. Nunca vira uma casa tão desequilibrada, como se erguida sobre uma base flutuante. A construção inteiramente fora do comum surgia do nevoeiro desfeito à sua frente.

Como poderia se defender apenas com uma rosa espetada num turbante ridículo? Mas algo a encorajou. Dolores ergueu a gola do roupão e deu um passo à frente.

No mesmo instante, reconheceu a voz de Gigi, mandando que soltassem Íris.

– Vamos entrar na casa! – disse Cármem.

– Agora! – chamou Héctor.

Dolores não demorou para entrar na casa esquisita, cujo chão se pôs a chacoalhar debaixo de seus pés. Sabia que tinha de subir a escada do fundo, com degraus desiguais formando um caracol instável.

Mal entreviu a maioria de seus alunos em roda no meio do salão, começou, ainda que discretamente, a tremer. Héctor correu para junto deles.

– Temos que tirar a Íris das mãos das irmãs rendeiras! – falou Cármem, subindo ao andar superior, bem nos calcanhares da diretora.

Enquanto ainda havia um ambiente enfumaçado lá embaixo, o turbante de Dolores, como antes tinha feito o pássaro do sonho, tornara visível o ambiente em volta. Por isso, funcionando de modo semelhante na escada traiçoeira, ele as ajudou a não tropeçar nem cair.



Héctor se aproximou do grupo, que já misturava os Cangaceiros e os Escoteiros, enquanto Nini colocava a peça principal no centro daquele mosaico que eles tinham reconstruído no piso.

Uma figura barbuda e de cabelos enormes subia o derradeiro degrau da escada de pedra em direção à dupla assentada lá no alto. Era uma cena que deixava a todos muito intrigados.

– Como esse sujeito desgrenhado parece alguém conhecido! – notou Lucas Lauro.

– Parece, sim! – Zazá concordou.

– É o seu Gumercindo com uma fantasia esquisita! – entendeu Naná.

– Está sob o efeito do encantamento – Héctor, assim que entendeu o que se passava, explicou aos outros, que demoraram um pouco a perceber sua aproximação.

– Maldição das trevas! – disseram juntos Cacau, Zazá, Pimba e Úrsula.

– E esses dois clones? São muito mais gêmeos do que o Pimba e a Úrsula! – Jadico observou melhor a dupla que eles não conheciam.

– De acordo com a lenda, devem ser os Príncipes Lagartos. Eles retomaram definitivamente a forma humana, deixando de parecer calangos, porque seu Gumercindo, além de perturbar o silêncio do lago, se expôs à energia negativa do mato do cabelão. Por isso essa barba e essa cabeleira de musgo cresceram nele e o corpo quase ficou petrificado – Héctor contou.

– Maldição das trevas! – dessa vez eram as vozes de Taquinho e Niquinho.

– Temos de fazer alguma coisa! – falou Charles.

Nini colocou as mãos em concha e gritou:

– Seu Gumercindo! Nós vamos salvar você!

Várias cabeças incrédulas se dirigiram para a menina, menos a de Naná, que ainda olhava para o desenho do chão.

– Gente! Ele está olhando para cá!

A cena que examinaram sob seus pés parecia ter se animado. O chão que rodava ainda devagar acelerou o movimento. Tentando não escorregar, viram que Gumercindo se mexia com esforço para subir aqueles degraus. Então ele parou e se virou para o alto, como se conseguisse enxergá-los.

– O que podemos fazer? – Charles perguntou a Héctor, imaginando que a lenda que o menino conhecia poderia conter alguma informação preciosa para eles.

– Eu não sei – disse o irmão de Cármén, envergonhado por decepcionar a todos num momento tão crítico.

– Pássaros azuis, ajudem a gente! – gritou Naná.

Então, num rompante, Nini retirou o ladrilho do chão e começou a sacudi-lo. Seu Gumercindo, lá dentro do desenho, começou a deslizar escada abaixo e, muito mais rápido do que ele, os príncipes gêmeos despencaram de seus tronos. O terreno da casa, que ainda se mexia devagar na parte térrea, passou a girar ao contrário. Para não cair, todos tiveram de se dar as mãos.



Mais rápida do que Gigi, a rendeira colocou o pé sobre a tesoura, mas começou a pular, gritando que tinha se queimado. A menina se abaixou para pegar o que seria sua chance de salvar Íris, que tinha desaparecido de vista. As outras mulheres iam aos poucos sumindo atrás da cortina de espinhos. Se agarrassem Íris, o que seriam capazes de fazer?

Antes que apanhasse o objeto, ouviu uma voz conhecida. Era Cármén.

– Não toque nisso, você vai se queimar.

– Nós viemos para ajudar. – A segunda voz era ainda mais familiar, pois só poderia ser a de dona Dolores.

– Vão me ajudar como? Nós é que temos de fazer alguma coisa bem rápido pela Íris! – disse a menina, observando a rendeira recuar para fora do alcance delas.

– Pegue a tesoura! – Cármén gritou para Dolores.

A diretora tinha de agir rápido, pois o chão ia se afastando, levando para mais longe o instrumento tão cobiçado.

Gigi quis impedir, dizendo que Dolores iria se queimar, mas ela deu alguns passos rápidos, mantendo o equilíbrio com muito esforço,

e, ao se inclinar, a luz de seu turbante envolveu e paralisou a tesoura. Escutaram, em seguida, um chiado parecido ao de água fria sobre uma brasa.

Dolores pegou uma tesoura surpreendentemente resfriada e não sabia o que fazer com ela, enquanto via a mulher de roxo cada vez mais acuada.

– Guarde isso no bolso do roupão – disse Cármem Dolores para sua quase xará. – Ainda não é o momento de usá-la.

A rendeira se ajoelhou, trêmula, e não ousou desobedecer à ordem de Gigi:

– Não saia daí. Nem se mexa mais!

Deixaram a varanda, as três outras juntas, rumando para o interior da casa. Quando Dolores e suas acompanhantes se viram diante da cerca flutuante de espinhos, perceberam como ela ia se desmanchando à medida que chegavam mais perto. Seria por causa da rosa ou quem sabe da tesoura? Afinal, a diretora tinha com ela dois instrumentos encantados e poderosos.

Foram surpreendidas pelo grito abafado de Íris, sem distinguir de onde, exatamente, ele vinha. Mas Dolores percebeu a barra de uma túnica roxa desaparecer por uma fresta, que funcionava como a porta mais baixa e estreita de todas.

– Só pode ser a passagem para onde foi a Íris – ela disse.

Daí a pouco as três se esgueiraram pela fenda. Dolores foi a última a conseguir passar, encolhendo-se toda. Assim que chegou do outro lado, sentiu um puxão em seu turbante. Uma manga roxa chamava a atenção para uma mão muito branca, agarrada a uma toalha amarela, que desfazia a forma que tinha tomado. A rosa-de-ouro flutuava sozinha no ar.



Desorientado, parecendo ter escutado a voz de Nini e tendo visto, no céu, umas nuvens coloridas que pareciam gente se movimentando numa velocidade inesperada, Gumercindo se viu rolando escada abaixo.

Caiu no chão de capim escuro, sobre os dois irmãos que tinham despenhado antes dele. Conseguiu se levantar com esforço, quando verificou que os outros dois não se mexiam. Tinham desmaiado após um choque de cabeças.

Mal deu um passo, o motorista se viu cercado por um verdadeiro exército de calangos. Ele queria fugir, mas tinha perdido toda a sua agilidade. Mesmo mais amolecido do que antes, seu corpo custava a acompanhar sua mente.

“Saiam da minha frente”, sua barriga ordenava, enquanto conseguia agitar levemente a barba e a cabeleira. Quase não acreditou ao perceber que os bichos começaram a obedecer a seu comando.

“Vamos, afastem-se do meu caminho.”

Mas os lagartos deram alguns passos para trás e pararam, reagrupando-se. É que outra voz se manifestara:

“Volte aqui, você!”

Gumercindo viu que um dos príncipes tinha conseguido se ajoelhar, mas o outro não se mexia. A voz agora era um pouco diferente. O que tinha antes falado com ele continuava sem sentidos.

“Se algo aconteceu com meu irmão, você vai pagar por isso!”

“Mas eu não fiz nada”, defendeu-se o motorista, enquanto percebia que surgia um facão nas mãos do homem que se punha em pé, ainda um pouco zozinho. Num relance, viu que o outro irmão usava na cintura um facão igual.

O príncipe acordado cambaleava e, mesmo lento, seu Gumercindo caminhou para cima dele. Os calangos não se atreviam a uma intervenção, então ele pôde tirar o facão do gêmeo que continuava esparramado no chão.

Agora estavam frente a frente, cada um com sua arma, o motorista e o gêmeo desperto. Tudo acontecia muito devagar. Os dois tinham muita dificuldade para controlar os movimentos, e aquilo mais parecia um combate entre bêbados.

O adversário tinha mais costume de usar aquela arma e avançou com o braço em direção ao peito de Gumercindo. Para se defender, ele recuou um passo. Alguns calangos se mexeram, bem mais velozes,

e, sem querer, o empurraram em direção à perna do outro príncipe, ainda caído, mas que já começava a gemer e abrir os olhos.

O motorista oscilou para um lado e para o outro, pensou no seu aplicativo de GPS, sentindo que perdia totalmente o senso de orientação e o equilíbrio. Tudo parecia rodar em volta dele.



Íris estava cercada por cinco rendeiras. A que estava à parte, agitando a toalha que tinha sido turbante, não sabia o que fazer. Parecia hipnotizada pela rosa que voava em volta dela. A sétima não tinha ousado se afastar da varanda. Parecia que o contato com a fosforescência da flor de ouro a tinha deixado sem nenhuma coragem.

– Elas me agarraram! – gritou a menina, ainda sem ser vista, por trás de um redemoinho de seda roxa. Eram as mulheres em volta dela.

Dolores ouviu uma voz que não podia identificar de onde saía:

“Desapareça com essa rosa maldita!”

Uma segunda voz completou:

“Ou nós vamos levar conosco a menina!”

– Ai, ai, ai – Dolores expressou sua desolação.

Cármem, num gesto rápido, resgatou com um puxão a toalha, ostentada de um modo indeciso pela outra rendeira, e a jogou sobre a rosa como se a pescasse no ar com uma rede. Fez rapidamente uma trouxa, amarrando as pontas do tecido, que começou a brilhar intensamente.

– Pegue aqui! – falou para a diretora, colocando aquela espécie de lanterna de pano em sua mão direita.

– O que eu faço com isso? – Dolores perguntou à menina, ainda muito insegura.

– É para você salvar a Íris.

A diretora respirou fundo e ergueu acima de sua cabeça a toalha que tinha sido turbante.

– Estão vendo o que eu tenho aqui? – perguntou ao grupo que cercava sua aluna.

Elas não responderam, pois não se escutava nenhum ruído vindo da direção delas.

– Estão vendo?

Estavam vendo, sim, porque acenavam positivamente com a cabeça.

– Vá para cima delas! – Cármén incentivava, empurrando dona Dolores.

A diretora respirou fundo mais uma vez e gritou, surpreendendo-se com o que dizia:

– Vou acabar com essa maldição das trevas!

– Isso mesmo! – Até então muda e com um ar perdido, apenas acompanhando as outras, Gigi também se animou, recobrando a coragem.

Assustadíssimas, as mulheres debandaram, levando junto a que estava um pouco mais afastada. Dolores relaxou e não percebeu a toalha com a rosa escorregando de sua mão.

As fugitivas passaram pela varanda, onde deram um jeito de puxar a que parecia ter virado uma estátua, e logo se atropelavam escada abaixo para fora da casa.

Dolores, Gigi e Cármén abraçaram a amedrontada Íris, que implorava:

– Vamos embora deste lugar!

Quando as quatro saíram da casa, bem mais estável, pois quase não balançava mais, viram que as sete mulheres se amontoavam no bote. Mesmo se corressem, não daria para alcançar as rendeiras.

– Estamos presas nesta ilha! – disse Íris num tom de desespero.

A mesma ânsia envolvia a fala de Cármén Dolores:

– Não acredito que nós deixamos para trás a toalha e a rosa mágica!

– E agora? – Gigi tinha acabado de notar que o barco, mesmo muito cheio e ameaçando afundar, começava a se afastar da ilha.

Dolores, vendo o bote ganhar distância, disse que ia voltar para pegar a espécie de lanterna, que, não entendia como, tinha deixado cair.

Quando haviam passado pelo salão térreo, depois de descerem sem mais percalços a estranha escada, não tinha se dado conta de que um ladrilho estava largado, fora do lugar, atrapalhando a visão da paisagem retratada no mosaico. Sem nada comentar com as ou-

tras duas garotas, Cármen Dolores percebeu que Héctor e o resto da turma tinham esvaziado o lugar.

A diretora retornou sozinha. Estranhou que a escada recomeçasse a girar enquanto subia, mas chegou ao andar de cima. Lá custou a se manter em pé. Tudo rodava numa agitação muito mais forte, como se a casa tivesse sido transformada num liquidificador gigante. Ela se sentia jogada de um lado para o outro. Constatou que os objetos que procurava só podiam ter ficado naquele quarto de acesso tão difícil. Estava muito complicado se aproximar da passagem de onde tinham havia pouco escapado com certa facilidade. Além disso, a porta, já muito pequena, ia se estreitando ainda mais.



Héctor deixou a casa na frente dos outros, todos comprometidos em tirar seu Gumerindo daquela enrascada. Correram, sem nenhum problema, pela ponte. Não perceberam que, assim que o último aluno passou, ela desapareceu, enquanto a bruma se adensava ainda mais fortemente.

– Por aqui – o irmão de Cármen mostrava o caminho para o mato do cabelão, onde encontrariam Gumerindo.

Alguma coisa, no entanto, fez com que olhasse para trás. No meio da névoa sobre o lago, no lugar da ponte que não existia mais, percebeu algo e reconheceu seu barco. Dentro dele, o bando de mulheres.

– Vão em frente! – gritou para os companheiros, retornando sozinho à margem.

Os onze restantes, com toda a pressa, não tinham tempo de estranhar o capinzal que lembrava cabelos cada vez mais embaraçados e levantados. Já tinham mergulhado nele a uma altura um pouco maior que seus joelhos.

Jadico e Lucas Lauro comandavam ex-Escoteiros e ex-Cangaceiros, agora transformados na brigada de resgate. Nini fechava a fila, mas gritava, mesmo imaginando que não poderia ser escutada:

– Aguenta firme, seu Gumercindo! Aqui vou eu!

Naná teve tempo de agarrar duas penas azuis, que retirou de uma moita de capim, e segurou uma em cada mão. Teve o pressentimento de que algum pássaro queria que ela pegasse aquelas plumas.

Começaram, finalmente, a descer a mesma rampa que levava à espécie de buraco por onde o motorista tinha se enfiado. Já podiam ver os degraus de pedra, diante dos quais uma figura se movia em câmara lenta perto de outras duas estiradas no chão.

Lucas Lauro e Jáider Ulisses, bem na frente dos outros, tropeçaram e caíram dentro de um bolo gigantesco de capim. Obstáculos semelhantes iam detendo o restante da garotada. Charles, assim que se viu preso num emaranhado de cabelos foscos, lamentou que Héctor não estivesse ali com eles.

No meio da gritaria dos amigos, Zazá viu que Naná foi a única que conseguira ir adiante. Só ela tinha a visão livre para notar que um homem se levantava do chão e tentava saltar sobre Gumercindo, que, com muito custo, se arrastava para fugir do facão exibido pelo indivíduo que estava de pé. Tudo era devagar demais. Menos o vento que começou a soprar e tirou das mãos de Sônia Regina aquelas duas penas azuis.

Elas viraram dois pássaros gigantescos, cada um pegou no bico uma das pernas do motorista e o ergueram no ar, enquanto os gêmeos se imobilizavam e lentamente se transformavam em dois calangos descomunais.



Dolores, tentando acertar o impulso de seu corpo com o momento exato em que a abertura da porta, cada vez menor, ficasse diante dela, se esforçava para controlar os nervos. Quando, na quarta ou quinta tentativa, enfiou uma perna pela passagem, não deu para passar o resto. A

parede rodava a uma velocidade progressiva e ia arrastando seu corpo, ainda quase todo de fora.

Deu então um jeito de girar sobre si mesma e conseguiu passar um braço no lugar da perna. Tateando lá dentro, seus dedos roçaram na beirada da toalha, que conseguiu agarrar e puxar para perto. Mas a toalha sozinha não adiantava muito. Ela precisava da rosa-de-ouro.

Conseguiu passar também a cabeça na abertura, enquanto o resto de seu corpo continuava sendo jogado de um lado para o outro e batendo contra a parede. Mas pôde divisar o brilho mágico. Lá estava a rosa, imóvel sobre o solo e ainda longe de sua mão.

– Vem cá, vem! – Por um momento, pensou que seria ouvida e atendida.

A casa rodou com mais força, e ela acabou sendo revirada de cabeça para baixo, mas não soltou a toalha amarela. Com o movimento à sua volta ganhando uma aceleração maior, a rosa veio mais para perto. De costas no chão, sem poder enxergar o que fazia, sentiu que sua mão, por cima do tecido, segurou a flor mágica.

Antes que conseguisse puxá-la, a fenda na parede começou a se fechar. Dolores não tinha mais como trazer a toalha, com a borda presa numa saliência do chão, embora ainda apertasse a rosa-de-ouro.

– Depressa, use a tesoura no seu bolso.

Era a voz de Cármen, que tentava chegar até ela, mas ia levando um tombo atrás do outro.

A diretora obedeceu. Com toda a concentração possível, pôde, com a mão livre, pegar com firmeza a tesoura. Levou mais uns solavancos, mas conseguiu cortar a toalha depois de passar com muito esforço a outra mão pela abertura que continuava lentamente se fechando. A tesoura parecia saber trabalhar sozinha.

Finalmente, com um puxão decidido, tinha a flor em suas mãos, além de um retalho do pano. A casa foi parando de rodar. Escorando-se na parede, Dolores conseguiu ficar de pé.

Cármen tinha se levantado antes dela e lhe deu a mão. As duas, entre aliviadas e preocupadas, voltaram a descer a escada, ainda desconfiadas de que os degraus pudessem se afastar e as derrubar lá embaixo, onde escutavam as vozes de Gigi e Íris.



Com a ventania ficando mais forte, os calangos começaram a se dispersar, procurando algum abrigo no vão das pedras encobertas pelo capim.

Açoitado, o cabelão do mato praticamente voava de um lado para o outro. Naná orientou seus colegas a fazer como os lagartos. Assim que o capim se inclinava para outra direção, eles corriam e se abrigavam atrás de uma pedra.

Depois, obedecendo à sugestão de Charles, armaram uma retirada para longe do cabelão enfurecido. Mesmo Nini, a princípio muito interessada na visão de Gumercindo voando com os pássaros enormes, teve de olhar para o chão durante a fuga. Precisava não só se esquivar do vento e das chicotadas do capim como também evitar trombadas com Zazá, Úrsula, Cacau e Pimba, ainda mais desorientados que Jadico e Lucas Lauro.

Taquinho e Niquinho, mais calmos do que os demais, conseguiam, entre um avanço e outro, com pausas para se esconder atrás de uma pedra, dar uma espiada no céu. No fundo, sentiam uma certa inveja de Gumercindo, parecendo flutuar num balão alado e azul.

Notaram que o motorista era levado para o Lago do Silêncio e depois o perderam de vista. Tinham de se apressar para escapar dali. Os colegas já tinham saído do capinzal. Estavam quase conseguindo quando dois fios mais compridos daquela cabeleira se enroscaram em suas pernas e ficaram presos, impedindo-os de correr.

Os amigos vieram ajudar. Sem perceber, Cangaceiros se reagruparam em torno de Eustáquio, e Escoteiros em volta de Nicolau. Assim, em um cabo de guerra, aquela brincadeira em que todos em fila puxam uma corda, puderam libertar os colegas. Mas, como peças de um jogo

de dominó, foram caindo um atrás do outro, com Niquinho e Taquinho por cima do monte de garotos, agitando braços e pernas.

Enquanto isso, Juan Ramón, Mauro e Mara se davam por satisfeitos por terem arrumado a quadra para o último baile de carnaval. Mas entenderam que não haveria baile nenhum quando uma forte rajada de vento carregou para longe todas as máscaras e serpentinas. Mauro conseguiu salvar a lira que tinham colocado no centro da quadra. Ele então seguiu os outros numa corrida louca de volta ao hotel.

Juan, que era o primeiro da fila, acabou se tornando o último, pois caiu, tropeçando na bola amarela que a ventania tinha trazido não se sabe de onde. As roupas de Dolores, completamente secas, tinham vindo parar sobre a cama dela, aterrorizando depois de um voo através da janela do quarto. Debaixo da cama, apareciam o bico e a cabeça de um corvo desacordado.



Héctor não conseguia ver se Dolores e as três meninas estavam do outro lado da água, porque a neblina, ainda mais densa, encobria tudo a certa distância. Só ele viu o que aconteceu, pois, bem perto dele, quase chegando à margem, o barco afundou. O peso das sete mulheres juntas tinha sido fatal. Apavoradas pelo poder da rosa-de-ouro, não pensaram em outra coisa a não ser fugir da ilha onde se escondiam do mundo. Não atentaram para a maldição da água do lago, na qual não podiam mergulhar em hipótese alguma.

Héctor ficou muito triste porque se tornara responsável pela pequena embarcação, que rapidamente afundara. Sabia também que havia pessoas do lado de lá, impossibilitadas de chegar à margem. Pessoas que ele não podia ver. Desconfiava ainda que, a qualquer momento, a ilha voltaria a desaparecer com sua casa maluca. A ponte já parecia ter se evaporado.

Viu, então, um movimento na superfície da água. Era o corpo de um peixe diferente, com uma coloração meio roxa. Logo, outros seis peixes se mostraram, para depois desaparecer sob a linha escura que demarcava o espelho líquido que a névoa procurava encobrir.

O menino entendeu o destino daquelas mulheres. Elas não iriam mais fabricar suas rendas, não tocariam tambores, encantadas por um tempo enorme, cuja duração ele ignorava, sobrevivendo sob aquela forma animal. Se pelo menos tivessem sido transformadas em sereias, pareceriam mais com o que haviam sido.

Ele ignorava como o destino das irmãs estava irremediavelmente ligado ao dos príncipes gêmeos. Os dois também perdiam, no mesmo instante, a condição de ter uma dupla aparência. Lá no fundo do capinzal seriam apenas – e por alguns séculos a mais – dois calangos já não tão gigantescos.

O lago estava muito quieto, e o silêncio total era preocupante. Héctor Néstor podia ouvir o coração disparar dentro do peito.

Sem saber o que fazer do outro lado, as meninas e Dolores se davam as mãos para que não se perdessem no meio da névoa. A rosa e o retalho que sobrara da toalha faziam companhia à tesoura no bolso do roupão da diretora. A luminosidade da rosa ia se extinguindo aos poucos. Era como se uma bateria que a alimentasse estivesse morrendo.

As quatro passaram a partilhar a mesma experiência. Teriam se tornado completamente surdas? Diante e em torno do Lago do Silêncio não havia barulho nenhum.



Quanto mais subia, Gumercindo ficava mais leve. Longe do chão, perdia peso. A barba e o cabelo iam ficando mais finos, deixando de se enroscar como se fossem cipós e até eram revolidos pela brisa, na qual, lá em cima, tinha se transformado o vento.

Transportado pelos pássaros, foi se acostumando a ver o mundo do alto. Lá estava a estrada por onde tinha conduzido o ônibus. Viu a entrada do hotel, as copas das pitangueiras e das roseiras parecendo linhas coloridas bordadas na paisagem.

Mais perto dele, o chão parecia um algodão compacto e flutuante. Aos poucos, brechas se abriram por baixo de seus pés e ele reconheceu pedaços do Lago do Silêncio. Os pássaros que o levavam começaram a descer e, quando o pousaram no chão, bem atrás de Héctor Néstor, que chorava desolado e sem poder vê-lo, era de novo o motorista, de cabelos cortados e barba feita, mas com as roupas bem amassadas e sujas.

Viu os pássaros se dirigirem ao centro do lago e voltarem, cada um com um pequeno objeto no bico: uma rosa e uma tesoura. Foi também quando o filho do mordomo viu e reconheceu o motorista.

– Elas estão lá! – disse o menino, resignado e triste.

Ouviram então vozes conhecidas se aproximando, vindas dos lados do cabelão. A mais nítida era a de Nini. Cantavam baixinho, tentando não afrontar o silêncio, mas o eco espalhava a música e seu entusiasmo.

– “Ó abre alas que eu quero passar

Ó abre alas que eu quero passar

Eu sou da lira, não posso negar

Eu sou da lira, não posso negar.”

Ela vinha na frente de todos os colegas. Fechando o cortejo, Naná tinha os olhos fixos no céu, percebendo o casal de pássaros azuis se afastando para muito longe.

Quando se juntaram ao motorista e ao irmão de Cármem Dolores, a bruma foi se dissipando. Ninguém conseguiu dizer nada, quando do fundo da água brotou uma estrada de pitangueiras bem juntas umas das outras, seus galhos se entrelaçando. Caminhando desequilibradamente sobre suas copas, amparando-se para que não despençassem na água escura, vinham Dolores, Gigi, Cármem e Íris. Sem ousarem gritar sua satisfação, para não desafiar a regra do lago, por meio de gestos convocaram a turma para sair logo dali.

Úrsula estranhou muito o modo como a diretora se vestia, um roupão tão sujo e amassado como as roupas de Gumercindo. Só teve tempo de comentar o fato com Zazá.

Todos se surpreenderam quando a diretora apressou o grupo para voltar ao hotel. Na frente, já bem afastados do Lago do Silêncio, ela se pôs a cantar:

– “Fala bum, ticabum,
Fala bum, ticabum,
Fala bum, ticauaca,
Ticauaca, ticabum”.



Todos quiseram dormir cedo, depois de se despedirem de Cármem e Héctor, que também pareciam muito cansados e sonolentos.

Mauro Fraga Braga culpou a ventania pelo cancelamento do último baile no Lago do Silêncio. Ninguém, entretanto, se importava mais com o carnaval. O jantar foi servido mais cedo, a comida tinha uma aparência muito bonita, exalando os cheiros mais agradáveis. Uma sopa dourada provocava o apetite de cada um. Mara e Juan tinham caprichado naquela refeição para se desculpar pelo fiasco do feriado.

Todos acharam gostoso o que comeram e beberam, mas também não guardariam nenhuma lembrança dessa refeição. Apenas comentariam como era diferente a louça, pois no fundo de cada prato havia a estampa de um pássaro azul.

Os hóspedes não demoraram a ir para o quarto. Arrumaram as mochilas e depois trataram de se deitar. Dona Dolores foi a última a se recolher, pois a proprietária tentou vender-lhe um relógio cuco, que, na verdade, estava com a corda emperrada e precisava de um conserto.

Sabendo de sua procedência, um antiquário de ar suspeito, ela recusou a oferta. Guardou suas coisas, vestiu o pijama e, tonta de sono, chutou sem ver um objeto escuro bem para baixo da cama. O corvo não se mexia nem podia ser percebido em seu involuntário esconderijo. Foi a penúltima a adormecer. Seu sono foi tão pesado quanto o da turma de alunos e do motorista.

Antes de fechar os olhos e de os reabrir no dia seguinte, sem notar que a mesma borracha azul apagara as imagens não só da noite como de boa parte daqueles dias de aventura, Naná, ao fechar seu desenho cuidadosamente numa pasta, olhou, com satisfação, a joaninha sobre a rosa inacabada.

Não viu que, ao juntar, na véspera, suas caixas de lápis e seu estojo de canetas, guardara também seu pequeno modelo. A joaninha se acomodara num cantinho da bagagem da menina.

A viagem de volta transcorreu na calma mais absoluta. Ninguém tinha ânimo para cantar ou conversar. Só queriam dormir, menos seu Gu-mercindo e dona Dolores, que falavam baixinho entre eles.

Foi a diretora quem observou que Juan não deveria ter tido tempo para retocar a placa que indicava a entrada do hotel. O motorista concordou, observando que estava ainda mais apagada do que da primeira vez que a vira. Não é que já estava perdendo algumas letras?

